

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

LIGIANE TAIZA MÜLLER FERNANDES

MULHERES E ORDENAÇÃO (NA IECLB):
NOVOS MODELOS E OUTRAS POSSIBILIDADES NA VIVÊNCIA
COTIDIANA DO MINISTÉRIO ORDENADO

São Leopoldo
2010

LIGIANE TAIZA MÜLLER FERNANDES

MULHERES E ORDENAÇÃO (NA IECLB):
NOVOS MODELOS E OUTRAS POSSIBILIDADES NA VIVÊNCIA
COTIDIANA DO MINISTÉRIO ORDENADO

Dissertação de Mestrado
Para obtenção de grau de mestre em
Teologia
Faculdades EST
Programas de Pós-Graduação
Teologia e História

Orientadora: Marga Janéte Ströher

São Leopoldo
2010

F363m Fernandes Ligiane Taiza Müller

Mulheres e ordenação (na IECLB) : novos modelos e outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado / Ligiane Taiza Müller Fernandes ; orientadora Marga Janete Ströher. – São Leopoldo, 2010.

108 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Mulheres no clero – Brasil. 2. Ordenação de mulheres – Igreja Luterana. 3. Mulheres na Igreja Luterana – Brasil. 4. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – Clero. I. Ströher, Marga Janete. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a
todas as mulheres,
que desde sempre
foram chamadas por Deus,
para estar a serviço
do Seu Reino,
mulheres que ouviram o chamado,
e o seguiram ...
rompendo barreiras,
quebrando preconceitos,
abrindo caminhos
para que hoje
eu possa por eles trilhar
e continuar seguindo em frente.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida, por proporcionar tamanha oportunidade de aperfeiçoamento teológico e pessoal, mas, acima de tudo, por ter me carregado no colo, quando as minhas pernas já estavam cansadas.

Agradeço a minha família, pela paciência, compreensão e companheirismo, em especial, aos amores da minha vida: Josefina, Éder, Leandra e Raissa.

Agradeço a minha orientadora, Prof^a. Dra. Marga Janéte Ströher, pela orientação, por toda atenção e dedicação, em especial, pela amizade e confiança.

Agradeço a EST pela qualidade do ensino e pela abertura ao diálogo.

Agradeço a CAPES por tornar viável esta pesquisa.

RESUMO

As mulheres e a ordenação na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) são novos modelos e também outras possibilidades na vivência cotidiana do ministério ordenado. A presença das mulheres na Igreja é antiga. No entanto, esse novo e importante passo, a ordenação na IECLB, é recente. Remexer o baú nos mostrou que a presença de um modelo normativo masculino fez com que as mulheres encarassem o desafio de ousar experimentar novos modelos, vivenciar outras possibilidades, trilhar novos caminhos, até encontrar um jeito próprio de vivenciar o ministério. A hermenêutica do discurso e a hermenêutica feminista são experimentadas quanto ousamos interpretar algumas falas das obreiras ordenadas. E ainda um olhar curioso quer revelar um pouco das relíquias existentes no cotidiano, no tocante ao discurso e também as práticas, bem como apontar para os desafios que surgem para pensarmos na continuidade. Esta pesquisa tem por objetivo perceber e tornar visível alguns dos desafios que as mulheres encontram na vivência diária do ministério ordenado, mas quer também aportar para as possibilidades, indicando para os sinais positivos, as experiências cotidianas que possam ser sinal de crescimento e de realização, tanto para as mulheres quanto para as comunidades, e para as Igrejas em geral, que a presença das mulheres traz neste ministério.

Palavras-chave: Mulheres. Cotidiano. Ordenação. Ministério.

ABSTRACT

Women and the ordination in the Evangelical Church of the Lutheran Confession in Brazil (ECLCB) are new models and also other possibilities in daily existence of the ordination ministry. Women's presence in the Church is old. However, this new and important step, women's ordination in ECLCB, is recent. Shuffling the trunk showed us that the presence of a masculine normative model made women face the challenge of daring and trying new models, living other possibilities, treading new roads, until they could find their own way of living the ministry. The discourse hermeneutic and the feminist hermeneutic are experienced when we dare to interpret some discourses of ordained women. And still a curious glance wants to reveal a little of the existent relics on daily life, like speeches and also practices, as well as to point challenges which will appear for us in order to think on continuity. This research has as objective to notice and to make visible some of the challenges women find in daily life of ordination ministry, but it also wants to point possibilities, showing positive signs, daily experiences which can be growth and accomplishment signs for women as well as for communities and for Churches in general, signs which women's presence brings in that ministry.

Keyword: Women. Daily life. Ordination. Ministry.

*“Devemos lutar pela igualdade
Sempre que a diferença nos inferioriza;
Mas devemos lutar pela diferença
Sempre que a igualdade nos descaracteriza”.*

Boaventura de Souza Santos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I REMEXENDO O BAÚ DA HISTÓRIA	13
1.1 Uma retrospectiva histórica	16
1.2 Os primeiros passos: A formação teológica.....	18
1.3 Algumas reflexões acerca da Teologia feminista e a formação teológica.....	21
1.4 Um passo a diante da Formação... A busca pela ordenação	23
1.5 Mapeando os dados atuais	26
1.6 O que encontramos quando remexemos o baú? Algumas ponderações	30
II DA HERMENÊUTICA DO DISCURSO À HERMENÊUTICA FEMINISTA: CONTRIBUIÇÕES PARA ANÁLISE DO DISCURSO DAS MULHERES NO MINISTÉRIO ORDENADO DA IECLB.....	34
2.1 Hermenêutica do Discurso.....	38
2.1.1 <i>Introdução a Hermenêutica</i>	38
2.1.2 <i>Teoria da interpretação</i>	39
2.1.3 <i>A ordem do discurso</i>	44
2.1.4 <i>Desconstrução e estudos culturais</i>	47
2.1.5 <i>Algumas reflexões entre o discurso e as falas</i>	51
2.2 Hermenêutica Feminista	52
2.2.1 <i>Uma Introdução à hermenêutica feminista</i>	52
2.2.2 <i>Um exercício de Hermenêutica</i>	56
2.2.3 <i>Algumas pontes entre a hermenêutica feminista e a fala das obreiras da IECLB</i>	61
2.2.4 <i>Hermenêutica do discurso e hermenêutica feminista: alguns encontros</i> ...	65
III O COTIDIANO DO MINISTÉRIO ORDENADO: O DISCURSO E AS PRÁTICAS	69
3.1 As mulheres no exercício cotidiano do ministério	72
3.1.1 <i>As implicações do exercício de mulheres</i>	76
3.1.2 <i>As posições de liderança</i>	80
3.1.3 <i>O Corriqueiro... Será?</i>	83
3.1.4 <i>Um olhar atento ao cotidiano</i>	87
3.2 Eis que surgem os desafios para a continuidade.....	89
3.2.1 <i>Pauta para a Discussão: Repensar o Poder e a Articulação</i>	90
3.2.1.1 <i>Relações de gênero e poder</i>	90
3.2.1.2 <i>O poder e o servir</i>	92
3.2.2 <i>Articulação e Formação: um desafio para continuidade</i>	94
3.3 Marcos Teológicos para um Possível Posicionamento Teológico a Respeito das Mulheres no Ministério Ordenado	97
CONCLUSÃO.....	100
REFERÊNCIAS.....	107

INTRODUÇÃO

Hino de Lesbia Scott¹

*Eu canto a canção das santas de Deus.
Pacientes, constantes em fé e coragem.
Viveram, lutaram, reinaram e serviram
Jesus foi, para elas, o mestre e Senhor.
E uma foi sábia, a outra, rainha;
e algumas, seus nomes a história ocultou.
São santas queridas, amadas de Deus;
e, Deus permitindo, uma delas serei.*

*E amando a Jesus, do jeito que amaram,
e o amor transbordante as tornou resistentes.
Seguiram, sem medo, ao longo da vida.
Buscando a verdade e a justiça de Deus.
À guerra, uma foi; a outra, ao martírio;
hereges, queimadas sem honra ou valor.
E eu, sem desculpas, não, não poderia
Negar-me a ser uma delas, Senhor!*

*Viveram, nem sempre em tempos passados.
São muitas, e há tantas ainda entre nós.
O mundo é banhado por luz e alegria
que emana da face das servas de Deus.
E agora são vistas na escola, na rua,
na casa ou na igreja ali no armazém.
As santas mulheres, pastoras ou leigas,
e, Deus permitindo, uma delas serei.*

As mulheres são presença constante nas Igrejas, testemunhando o amor de Deus desde os tempos mais antigos até os dias de hoje. Algumas dessas mulheres experimentaram (e experimentam) sua relação com o sagrado dentro dos limites e dos padrões impostos, outras ousaram (e ousam) romper as fronteiras da cultura e

¹ REILY, Duncan A. *Ministérios Femininos em Perspectiva Histórica*. 2. ed. Campinas: CEBEP; São Bernardo do Campo: EDITEO, 1997. p. 9.

do preconceito, abrindo novos caminhos, ousando conhecer e ser um “novo aroma” na vida das Igrejas. Elas ousam experimentar outras possibilidades de vida eclesial dentro de seus contextos.

A história das mulheres no ministério ordenado é muito recente. No entanto, é possível afirmar que a luta em busca da ordenação das mulheres e a sua experiência na liderança das Igrejas acompanham toda a história eclesial.

Assim sendo, no primeiro capítulo, a pesquisa buscará revirar o baú histórico, abordando os primeiros passos da imersão das mulheres no espaço acadêmico e institucional. A partir dessa abordagem, ele reconhecerá esse processo e visará suas contribuições para a situação atual.

O segundo capítulo enfatiza o discurso que emerge a partir das experiências das mulheres que experimentam o ministério ordenado na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Ele tem como base a hermenêutica do discurso e a hermenêutica feminista.

Por fim, o terceiro e último capítulo pergunta pelo cotidiano do ministério ordenado. Relaciona o discurso e as práticas, lugar de onde surgem os desafios para a vida em continuidade, e, pretensiosamente, aponta para alguns marcos teológicos, os quais são pensados para um possível posicionamento teológico a respeito das mulheres no ministério ordenado na IECLB.

Para tanto, esta pesquisa apresentará e discutirá, ao longo de seu texto, dados, documentos e entrevistas, materiais (publicados ou não) que foram coletados

pela pesquisa “Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho”,² realizada em 2009.

A pesquisa quer perceber e tornar visível alguns dos desafios que as mulheres encontram na vivência diária do ministério ordenado. No entanto, almeja igualmente apontar para as possibilidades: indicar sinais positivos, experiências cotidianas, que possam ser sinal de crescimento e de realização tanto para as mulheres quanto para as comunidades e para as Igrejas em geral, sinais que a presença e participação das mulheres trazem para este ministério.

² PAIXÃO, Márcia. FERNANDES, Ligiane. Relatório do Projeto de Pesquisa “Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho”. EST, São Leopoldo, 2009. Disponível em: <http://www.est.edu.br/images/pdfs/versaoportugues_novembro2009.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2010.

I REMEXENDO O BAÚ DA HISTÓRIA

*Estou sentada em um banco de
Igreja
E espero.
O humano se converte em Divino.
O pão...*

*Talvez tenha sido amassado
Pelas mãos de uma mulher.
O vinho... talvez mulheres
Trabalhavam nas vinhas*

*Porém, quando o Humano.
Se converte em divino
A mão de uma mulher é tabu.*

“Não tocarás o Divino!”

*O Divino se tornou Humano
Penetrou no ventre de uma mulher.
(o patriarcado não era a corrente!)*
*Assim como as delicadas pétalas envolvem
Uma gota de orvalho cristalino,
A semente se aninhou no corpo de mulher.*

“Não tocarás o Divino!”

*As mãos da mãe
Sustentaram a criança,
A acalmaram, a consolaram,
Criaram com segurança.
As mãos sempre estavam ali
Tão seguras como a caída do sol
Que se revela em cada aurora.*

“Não tocarás o Divino!”

*O corpo ferido
 Descido da cruz...
 Mãos de mulher cumpriram
 Com os ritos fúnebres.
 O sangue vermelho
 Seguramente mancha estas mãos.
 Mãos de mulher.
 Mãos amantes.*

“Tocarás o Divino!”

*Da mesma forma que amassas o pão
 E compartes o vinho.
 Estou sentada em um banco de
 Igreja
 Esperando...
 Confiando...
 Compartindo*

É com o poema da indiana Ranjini Rebera, intitulado “As Mãos de Uma Mulher”, que iniciamos a discussão sobre Mulheres e Ministério Ordenado. Acreditamos que as palavras de Ranjini são relevantes, pelo fato da autora relacionar as mulheres e o divino, remetendo à reflexão do quanto as mulheres estão ativas em torno do divino. No entanto, tocar o divino sempre foi e continua sendo tabu.

A relação das mulheres com o sagrado é uma relação de amor e confiança muito próxima, mas é também uma relação que encontra no sistema cultural limites e barreiras grandiosos. Reveremos alguns pontos históricos para lembrar como as mulheres, ao longo da história, lutaram para ter o seu direito de “tocar o divino” assegurado. Seria a ordenação das mulheres a plenitude desse “tocarás o Divino!”? Além disso, perceberemos ainda como o resgate histórico pode nos auxiliar na tarefa de diagnosticar a situação atual das mulheres e suas relações com o sagrado.

Por fim, indicaremos possibilidades de como podemos ensaiar os próximos passos para aspirar um futuro efetivamente mais igualitário, onde homens e mulheres possam vivenciar e testemunhar o Evangelho integralmente sem distinção de gênero, raça, idade ou classe social.

A presença e a atuação de mulheres ordenadas na IECLB não é nenhuma novidade nos dias de hoje. No entanto, essa prática nem sempre foi assim. Para isso, existe toda uma trajetória histórica³, a qual buscaremos elucidar a partir deste momento. Resgataremos alguns aspectos históricos gerais da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, para sabermos, afinal, em que contexto essas lutas aconteceram. Trazendo à tona a história das mulheres no contexto da formação teológica, pré-requisito indispensável para a ordenação nesta Igreja. Além disso, faz-se necessário conhecer também a reflexão sobre o espaço de formação para as mulheres.

Conhecer a história da inserção das primeiras mulheres ao mercado de trabalho, ou seja, as referidas comunidades, e o processo que levou a conquista da ordenação, exige algumas reflexões sobre esta prática. Conhecer o passado, para entender o presente e repensá-lo, refletindo as práticas que queremos para o futuro, é a nossa pretensão. Assim queremos também elencar os dados atuais, elucidar a forma como se compõe o quadro de obreiras e obreiros em nossos dias, buscar através dos números levantar algumas hipóteses sobre estes dados.

³ Sendo que a compreensão de historiografia é = processo, arte de escrever a História, ou estudos críticos acerca da História.

1.1 Uma retrospectiva histórica

A história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil tem seu início com a imigração de colonos evangélicos, oriundos da Alemanha e da Suíça, nos anos de 1823/24.⁴ A maioria dos imigrantes ficaram isolados no sul do Brasil, onde iniciaram um processo de auto-organização comunitária, resguardaram suas tradições religiosas, embora estivessem em um contexto que não facilitava em nada essa preservação.

Segundo Dreher, “os evangélicos, emigrados da Alemanha ao Brasil, ingressaram em um país em que existia apenas a Igreja Católica-Romana”,⁵ a qual tinha seu respaldo garantido pela estreita ligação com o Estado. Foi a partir da proclamação da República, em 1889, que se começou a ouvir falar sobre liberdade religiosa e se iniciava sua vivência, o que permitiu uma organização mais concreta.

Foi com o auxílio de instituições alemãs e com o envio de pastores e missionários para o Brasil que se iniciou a primeira fase de estruturação do que viria a ser a IECLB. A primeira tentativa de reunir as comunidades luteranas ocorreu em 1868. No entanto, foi somente a partir da criação de quatro sínodos nos anos seguintes que uma estruturação se tornou possível. São eles: Sínodo Rio-Grandense (1886), Sínodo Evangélico-Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados da América do Sul (1905), Associação de Comunidades Evangélicas de Santa Catarina e Paraná (1911) e Sínodo Evangélico do Brasil Central (1912). Além disso, a partir da atuação de missionários enviados pelo Sínodo de Missouri dos Estados Unidos da América, em 1900, foi formada uma quinta organização

⁴ Cf. DREHER, Martin N. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1984. p.21

⁵ DREHER, 1984. p.53

eclesiástica. Esta, no entanto, seguiu rumos próprios e deu origem à Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB).⁶

A união dos quatro sínodos aconteceu somente com o fim da II Guerra Mundial, período no qual as comunidades de imigrantes alemães estiveram sob suspeita e até perseguição por seus vínculos com a Alemanha. Em 1949, os sínodos dão origem à Federação Sinodal, que, logo após, passou a se denominar Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. O primeiro Concílio Geral ocorreu em 1950. A partir de 1968, com uma reestruturação da Igreja em regiões eclesiásticas, os sínodos deixaram de existir e a IECLB passou a ser a organização representativa das comunidades luteranas. Este processo também aponta a necessidade e a tentativa de estruturar uma Igreja autônoma de instituições alemães e orientada para conjuntura brasileira.⁷

Nos dias atuais, a IECLB continua sendo majoritariamente sulista, apesar do processo migratório no país ter espalhado os luteranos por todo o Brasil, como é publicado no site oficial da IECLB: “O luteranismo chegou ao Brasil em 1824 junto com a imigração alemã e, embora tenha permanecido mais concentrado no Sul e Sudeste do Brasil por mais de um século, hoje há comunidades luteranas espalhadas em quase todos os estados brasileiros”.⁸ Apesar disso, A IECLB ainda é uma igreja minoritária que compõe o grupo de Igrejas que se desenvolveram nos últimos séculos. Inserida no contexto brasileiro, a IECLB busca respostas teológicas, políticas e sociais a partir e para esta realidade.

⁶ Cf: IECLB. *Quem Somos*. Disponível em: < <http://www.luteranos.com.br/categories/Quem-Somos/Nossa-Hist%F3ria/Presen%E7a-no-Brasil/Forma%E7%E3o-dos-S%EDnodos/>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

⁷ Cf: IECLB. *Quem Somos*. Disponível em:< <http://www.luteranos.com.br/categories/Quem-Somos/Nossa-Hist%F3ria/Presen%E7a-no-Brasil/Igreja-Evang%E9lica-de-Confiss%E3o-Luterana-no-Brasil/> > Acesso em: 20 de abr. 2010.

⁸ IECLB. *Quem Somos*. Disponível em:< <http://www.luteranos.com.br/articles/8347/1/Quem-Somos/1.html>> Acesso em: 20 de abr.2010.

Os desafios se modificam: além de enfrentar as dificuldades de ser uma Igreja minoritária num contexto majoritariamente católico-romano, ela convive ainda com o crescimento das Igrejas Pentecostais e Neopentecostais, bem como outras religiões que compõe o grande quadro do pluralismo religioso brasileiro, o que incluir ainda um número crescente de pessoas “sem religião”. Nesse contexto, a IECLB tem dado testemunhos, sendo participante ativa no movimento ecumênico.

Existe uma estreita ligação entre a Igreja Luterana e a preocupação com a formação teológica. Esta já perpassava as primeiras comunidades e lideranças luteranas no Brasil, as quais, na carência de pastores, fizeram “com que, muitas vezes, designassem pessoas de seu próprio meio para assumirem funções pastorais”,⁹ função essa que estava ligada com a de professor.

Em termos de educação teológica, as primeiras instituições confessionais a serem fundadas foram o Instituto Pré-Teológico, criado em 1921, em São Leopoldo, por iniciativa do Pastor Hermann Dohms. Esse instituto deu origem à Escola Superior de Teologia, fundada em 1946, e atualmente conhecida como Faculdades EST. Em 1939, foi criada a Casa Matriz de Diaconisas, também em São Leopoldo, e em 1956, a Associação Diacônica Luterana, em Lagoa Serra Pelada, no Estado do Espírito Santo, responsáveis pela formação de obreiras e obreiros diaconais.

1.2 Os primeiros passos: A formação teológica

As mulheres sempre estiveram presentes na história da Igreja, embora esse fato não tenha sido registrado. Muito pelo contrário, às vezes, é preciso ler nas

⁹ DREHER, Martin. *A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.p.223.

entrelinhas para perceber a presença destas mulheres em meio ao povo de Deus. Da mesma forma, também no serviço aos ministérios, as mulheres se fizeram presentes, ainda que tivessem suas limitações impostas pelo sistema patriarcal e suas estruturas. Na IECLB, podemos dizer que o ministério ordenado das mulheres tem seu início quando as primeiras mulheres ingressaram nos estudos da teologia, formação básica para obreiros e obreiras.

A história das mulheres na IECLB começa a ser escrita por Eve Wysk, a primeira mulher a matricular-se na Faculdade de Teologia (FACTEOL), em 1952, sendo que, na seqüência, outras duas mulheres também se matricularam: Sybille Raspe, em 1957, e Úrsula Kleine, em 1962.¹⁰ Segundo Maristela Freiberg, o objetivo destas três estudantes, que permaneceram na FACTEOL por um ano, era “receber uma complementação dos estudos realizados no Instituto Pré-teológico (IPT), para fins de reconhecimento como formação secundária. Não tinham a perspectiva de concluir o curso”.¹¹

Com a intenção de concluir o curso e ser pastora, Elisabeth Dietschi ingressou na FACTEOL em março de 1966. Em junho de 1970, ela se tornou a primeira mulher com o título de bacharel em teologia, formada pela FACTEOL.¹² Elisabeth seguiu para Alemanha para realizar uma especialização teológica, com uma bolsa de um ano.¹³ Ela continuou sua formação na Alemanha, onde se casou.

¹⁰ Cf. FREIBERG, Maristela Lívia. *Retratos do Processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB* – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo, 1997. p.66. Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós Graduação em Teologia, EST, São Leopoldo, 1997.

¹¹ FREIBERG, 1997, p.66.

¹² Cf. FREIBERG, 1997, p.66.

¹³ Cf. IECLB. Porto Alegre. *Boletim Informativo n. 7*, CD, 31.08.1970.

Ela foi ordenada pastora em maio de 1973, em Berlim, pelo Bispo Scharf da Igreja Evangélica da União.¹⁴

Lorita Manske ingressou em 1967 na FACTEOL, abandonando o curso em 1969. A segunda mulher a se formar na FACTEOL foi Maria Luíza Schwanke, que iniciou seus estudos em 1968 e realizou o exame de conclusão em 1974. Ela foi enviada para trabalhar na Fundação Evangélica, ao lado da Comunidade Evangélica de Hamburgo Velho.¹⁵ Ela assumiu como pastora colaboradora em 1975, licenciou-se em 1989, saindo do pastorado em 1991.¹⁶

Na seqüência, encontramos o nome de Esbeth Shütz, que ingressou na FACTEOL em 1970, tendo cancelado seus estudos em 1975 e concluído posteriormente em 1981.¹⁷ Rita Marta Panke foi a oitava na lista de matrículas e a terceira a ter o título de Bacharel em Teologia pela FACTEOL. Ela estudou entre os anos de 1971 e 1976.¹⁸ Rita foi instalada em 1º de agosto de 1976, em Candelária/RS, onde assumiu as atividades pastorais naquela Paróquia.¹⁹ Retomamos este ponto mais adiante, onde trataremos especificamente a ordenação e envio ao campo de trabalho.

¹⁴ Cf. IECLB, Porto Alegre, *Ata da reunião* do CD, 09-11.03.1973.

¹⁵ Cf. IECLB, Porto Alegre, *Boletim Informativo* do CD, n. 31, 27.12.1974.

¹⁶ Segundo dados fornecidos pela Secretaria Geral a IECLB em março de 2009, para o Projeto Mulheres no Ministério Ordenado. (Dados não publicados).

¹⁷ Cf. FREIBERG, 1997, p.67.

¹⁸ Cf. FREIBERG, 1997, p.67.

¹⁹ Cf. FREIBERG, 1997, p.67.

1.3 Algumas reflexões acerca da Teologia feminista e a formação teológica

A formação teológica pensada por homens para outros homens cedeu espaço à formação teológica também de mulheres. No entanto, estas mulheres não se contentaram com as mesmas discussões. A presença das mulheres na formação teológica implica em outros saberes, em buscar novas formas de se pensar e se fazer teologia, segundo Elaine Neuenfeldt:

As reivindicações sobre a maior inserção de mulheres, bem como assuntos advindos das experiências das mulheres como temas de reflexão da teologia, levaram a que, em 1991, se concretizasse uma reivindicação da agenda do grupo de mulheres da Faculdade de Teologia e do corpo estudantil [...] a criação da cadeira de Teologia Feminista. Como objetivo, visibilizando as reflexões de gênero como um instrumental de análise. A Teologia Feminista não intenta uma mera inversão social de papéis do homem e da mulher, mas propõe a construção de relações sociais baseadas na justiça e na dignidade humana.²⁰

Sendo assim a Teologia Feminista visa uma sociedade com valores igualitários entre homens e mulheres, numa equiparação de direitos e deveres, analisando diversos temas teológicos a partir da experiência das mulheres. A autora diz ainda que

Refletir sobre esses temas na formação teológica faz diferença no aprendizado, pois possibilita abrir novos horizontes que poderão ser fonte de motivação e de ânimo para novas práticas de trabalho pastoral, possibilitando espaços acolhedores na comunidade.²¹

A Teologia Feminista proporciona a discussão da experiência das mulheres, experiências diversas, carregadas por conflitos e dificuldades, mas também de possibilidades, diálogos, criatividade. A Teologia Feminista proporciona ainda a

²⁰ NEUENFELDT, Elaine Gleci. Teologia Feminista na Formação teológica- conquistas e desafios. In: HOCH, Lothar Carlos; STRÖHER, Marga Janete; WACHHÖLZ, Wilhem (Orgs.). *Estações da formação teológica: 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p.120.

²¹ NEUENFELDT, 2008, p.121.

reflexão sobre a própria formação teológica, seus acessos e suas limitações e ainda as mudanças e as conseqüências do acesso das mulheres na formação teológica.

Para Wanda Deifelt,

A educação teológica desempenha um papel fundamental no reconhecimento dos direitos das mulheres. Aprender a ler e a escrever – também teologicamente – é um passo decisivo rumo ao reconhecimento e à valorização do ser humano.²²

Segundo Deifelt, o conhecimento e a reflexão crítica a partir da realidade que nos cerca aponta para a educação teológica, para o compromisso de buscar a dignidade humana em meio a exclusão, resgatando a cidadania das mulheres. Sobre a educação teológica e sua relação com a cadeira de Teologia Feminista, Wanda diz ainda que

A existência de uma Cadeira de Teologia Feminista, por si só não implica um redimensionamento da educação teológica sem que haja, também, um corpo estudantil comprometido e um corpo docente engajado no mesmo projeto de superação de dicotomias, exclusão e preconceitos. Esse é um processo longo, que implica uma discussão contínua sobre o papel da educação teológica. Implica revisões constantes de nossos postulados, nossas prioridades e nossos encaminhamentos institucionais. Nessa empreitada, é fundamental contar com redes de apoio e encorajamento mútuo, respaldo de colegas, colaboração de estudantes e, sem dúvida, compromisso com a causa do Evangelho. Assim como a teologia feminista, também a teologia da libertação, negra e indígena dão contribuições importantes para melhor qualificar a educação teológica. Junto com as demais disciplinas, a teologia feminista faz parte do saber que deve ser partilhado.²³

A cadeira de Teologia Feminista em si não é a única responsável por toda a formação teológica no que diz respeito às discussões de gênero e a própria Teologia Feminista. Esta discussão deveria permear o todo da teologia e ser apreciada também quando discutimos outras áreas de conhecimento, ao mesmo tempo em

²² DEIFELT, Wanda. Educação teológica para mulheres: um passo decisivo rumo à cidadania eclesial. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: Paulinas/Loyola/Soter, 2003. p. 266.

²³ DEIFELT, 2003, p.281.

que proporciona novos olhares sobre as diversas áreas teológicas, repensando o fazer teológico a partir da experiência das mulheres com o sagrado.

1.4 Um passo a diante da Formação... A busca pela ordenação

As mulheres têm acesso à ordenação ao ministério pastoral na IECLB desde a década de 1980, embora a discussão sobre o assunto já tenha iniciado anteriormente. “O interesse no estudo da teologia por parte de algumas mulheres, já podemos verificar desde 1952, quando do ingresso das três primeiras estudantes de teologia”.²⁴ Mesmo que essas estudantes não tenham concluído o curso de Teologia, este foi o marco inicial para a discussão na IECLB.

Na distância entre a primeira mulher a se formar na então Faculdade de Teologia, Elisabeth Dietschi, em 1970, e a primeira mulher a ser ordenada Edna Moga Ramminger, 1982, há longos anos de discussão interna sobre esta temática. Uma vez formadas, era “comum” que as mulheres buscassem exercer de fato o ministério pastoral. Isso se revela nas primeiras discussões feitas na época. Em um documento de 1969, sob o título de “Ministério e ordenação de Senhoras”²⁵, o Conselho Diretor apresenta o tema da seguinte forma:

O Presidente lembra o fato de 3 Senhoritas – estudantes concluírem mais cedo, mais tarde seus estudos na Faculdade de Teologia. O Sr. Presidente sugere que o número de senhoritas - estudantes seja limitado e que não seja previsto ainda sua ordenação no caso de conclusão do 1º exame teológico, levando em conta o ambiente de trabalho existente em nossas Comunidades. [...] constatando, no entanto, que não é o estudo de teologia que dá direito à ordenação, mas sim o segundo exame concluído. O Sr. Presidente, mesmo assim, sugere que as candidatas para o estudo de

²⁴ KRUEGER, Carla. *As mulheres e o ministério ordenado na Igreja: um estudo sobre a ordenação de mulheres na IECLB*. 1996. p. 20. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1996.

²⁵ IECLB, *Ata da reunião do CD, 30/31.7.69*.

teologia sejam alertadas sobre o aproveitamento limitado de senhoras no serviço pastoral em nossa Igreja.²⁶

Já no ano seguinte o “corpo docente da Faculdade de Teologia pede que o Conselho diretor estabeleça condições de aproveitamento da pastora nos campos de trabalho da Igreja”.²⁷ Sendo que, desta discussão, chegou-se a alguns pontos-chave no desenvolvimento do ministério ordenado para as mulheres. As conclusões foram publicadas no Boletim Informativo da IECLB, nº 10 de 1971:

Aproveitamento de mulheres no pastorado da IECLB: “O conselho Diretor, nos últimos anos, ocupou-se várias vezes com esta questão, resumindo em última reunião, da seguinte maneira, o consenso ao qual chegou: a) a admissão regular de estudantes do sexo feminino, na faculdade de Teologia da IECLB, não constitui um problema teológico. b) O Estatuto do Ministério Eclesiástico não exclui a mulher nas funções do pastorado. c) Não há em princípio, distinção de ordem jurídica entre o pastor e a pastora. d) Na concessão de bolsas para o estudo da Teologia, não há discriminação entre estudante do sexo masculino e do sexo feminino. e) Em princípio, a administração de uma Comunidade poderá ser exercida por uma pastora. f) Em nossa Igreja são limitadas, por enquanto, as possibilidades para o aproveitamento da mulher no ministério eclesiástico.”²⁸

Em 1974, quando Maria Luiza Schwanke prestou seu 1º exame teológico,²⁹ ela foi a única entre os colegas que não obteve colocação imediata. Esse fato é reflexo do ambiente das comunidades, que não estavam acostumadas com a idéia de aceitar uma pastora, tal como expressa o já referido Boletim Informativo: “constata-se que as nossas comunidades ainda não se familiarizaram com a idéia de ver uma pastora no púlpito; deve ser sondado o ambiente para ver que paróquia está disposta a aceitar uma pastora”.

Esse caminho foi sendo trilhado a duras penas, com muito empenho das mulheres que almejavam o ministério ordenado. Só mesmo o amor ao evangelho e o desejo de servir a ele é que deu sustento neste verdadeiro tempo de “abrir picadas”.

²⁶ IECLB, *Ata da reunião* do CD, 30/31.7.69.

²⁷ IECLB, *Ata da reunião* do CD, 11/13.12.70.

²⁸ IECLB, *Boletim Informativo* do CD, n. 10, 16.01.1971

²⁹ IECLB, *Ata da reunião* do CD, 20.10.74.

A falta de obreiros também contribuiu para que se dessem as primeiras experiências, para que as mulheres pudessem mostrar o seu trabalho e assim serem aceitas.

O esforço das mulheres para receberem a ordenação foi muito válido. Foi o começo da trilha de um longo caminho. Afinal, somente anos mais tarde é que a ordenação aconteceu de fato na IECLB.

As três primeiras pastoras formadas e ordenadas pela IECLB são, respectivamente, Edna Moga Ramminger, que assumiu como pastora colaboradora em 1978 e foi ordenada em 13/11/1982; Rita Marta Panke, que assumiu como pastora colaboradora em 1976 e foi ordenada em 20/04/1983; Mariane Beyer Ehrat, que assumiu como pastora colaboradora em 1979 e foi ordenada em 01/06/1986.³⁰

A ordenação das mulheres aos demais ministérios apenas teve início com a implantação do “ministério compartilhado”, a partir de 1994. Antes disso, as diáconas recebiam apenas uma “bênção ao ministério”. O mesmo aconteceu com as catequistas, que até então não tinham nenhuma forma de reconhecimento público e eclesiástico para o exercício de suas funções.

O ingresso de mulheres na teologia alcançou grande crescimento nas décadas de 1980 e 1990. Isso fica comprovado na pesquisa realizada por Gerd Uwe Kliewer. Nela o autor diz que, dos 66 jovens que se matricularam no ano de 1981, 20 eram mulheres. E dos 490 jovens matriculados entre 1981 e 1990, 120 eram mulheres. Kliewer ainda assevera que a taxa de conclusão das mulheres é mais elevada do que a dos homens.³¹ A pesquisa revela que, já na década de 1990, na

³⁰ Segundo dados fornecidos pela Secretaria Geral da IECLB em março de 2009, para o Projeto Mulheres no Ministério Ordenado.

³¹ Cf. KLIEWER, Gerd Uwe. Ex-alunos e ex-alunas da Escola Superior de Teologia da IECLB. In: HOCH, Lothar Carlos; STRÖHER, Marga Janéte; WACHHOLZ, Wilhem (Orgs.). *Estações da formação teológica: 60 anos de história da EST*. São Leopoldo. Sinodal/EST, 2008. p. 158.

Faculdade de Teologia, a proporção era quatro estudantes homens para uma estudante mulher. Esse número foi crescendo cada vez mais, chegando hoje a 50%.

Kliewer também apresenta a porcentagem de ingresso ao ministério ordenado. Esta é maior entre os homens do que entre as mulheres formadas na Faculdade de Teologia. A estimativa é que 65,6% dos homens integrou o quadro de obreiros enquanto que apenas 39,6% das mulheres tiveram a mesma chance³², o que aponta para uma divergência clara entre esses dados. O número de mulheres ordenadas vem crescendo. No entanto, ainda há uma disparidade entre homens e mulheres que se formam em teologia e homens e mulheres que são aprovados no quadro de obreiros da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

1.5 Mapeando os dados atuais

Mesmo depois de terem conquistado o direito à ordenação há quase 30 anos, as mulheres vêm enfrentando situações nada fáceis. Essas situações se repetem em diversos lugares, como o fato de ela primeiro ter que provar ser tão capaz quanto um obreiro homem, para então ser aceita, ter seu trabalho reconhecido. Em muitos lugares, isso não é uma tarefa simples. Por isso, é preciso evidenciar tais situações e reconhecer que não se tratam de problemas isolados. São problemas com um histórico longo de carência de um posicionamento institucional claro, em que a Igreja justificasse e expusesse para as comunidades os argumentos teológicos, bíblicos, para a ordenação de mulheres. Isso teria auxiliado bastante, ao invés da tentativa de acomodar caso a caso.

³² KLIEWER, 2008, p. 144.

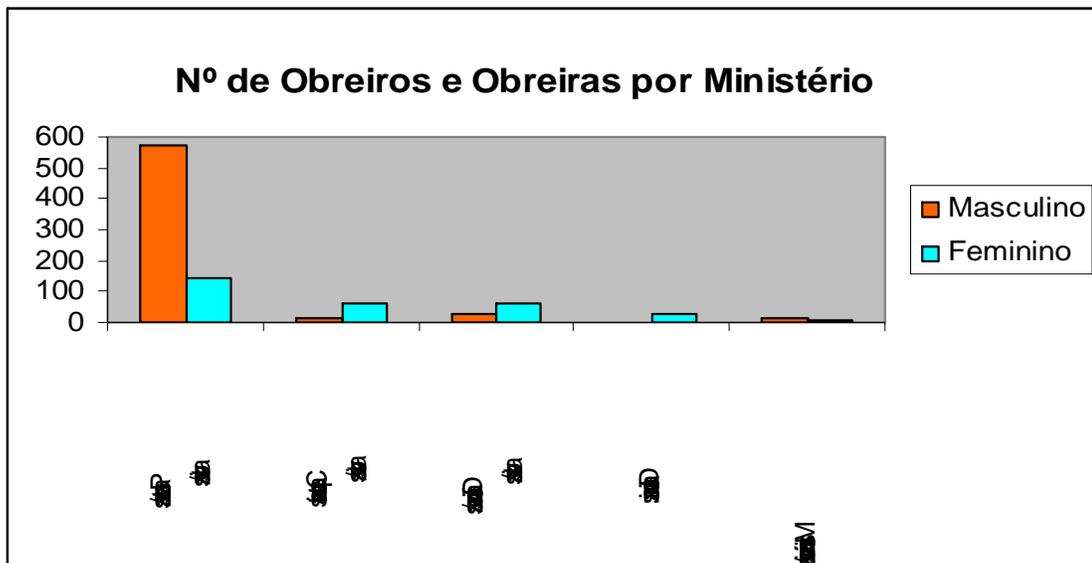
A reflexão histórica se faz necessária para que saibamos valorizar as conquistas que nos são dadas. No entanto, ela se faz necessária também para que nós percebamos que ainda existem muitas coisas que carecem de reflexão, de conquistas. Isso nós percebemos quando analisamos alguns dados numéricos sobre obreiros e obreiras da IECLB.³³

O quadro numérico³⁴ seguido de gráfico:

Obreiros/Obreiras	Masculino	Feminino	Total
Pastores/as	571	140	711
Catequistas	16	58	74
Diaconos/as	24	59	83
Diaconisas	-	29	29
Missionários/as	17	7	24

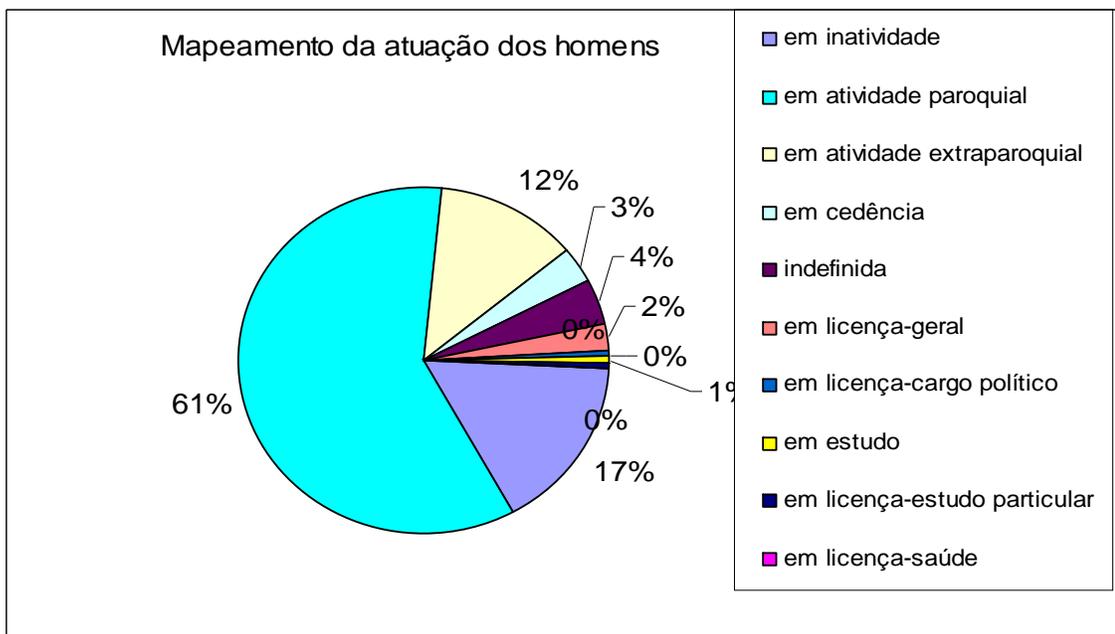
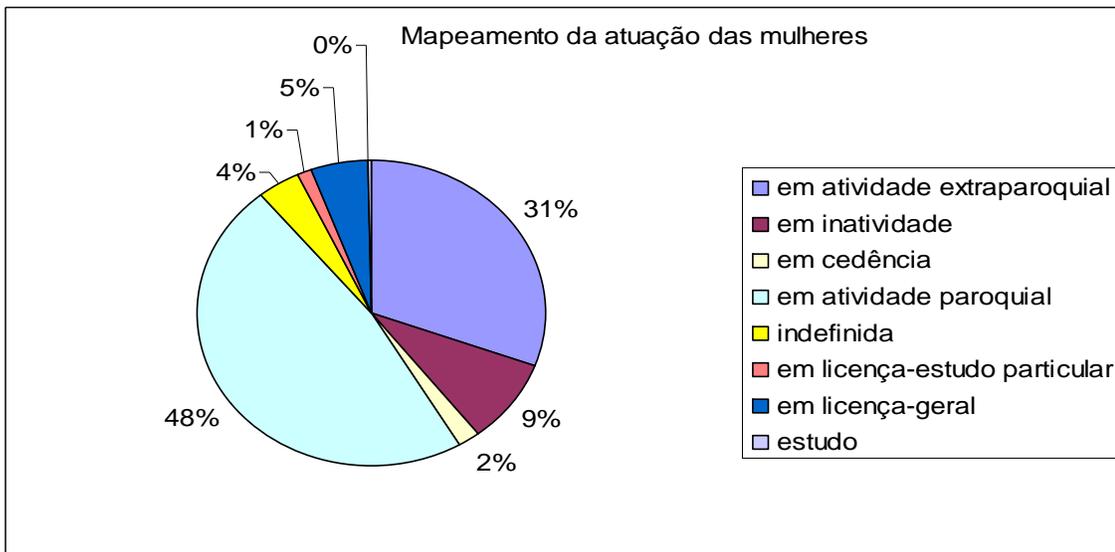
³³ *Relatório do Projeto de Pesquisa "Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho"*. EST, São Leopoldo, 2009. p. 6-8.

³⁴ FERNANDES, Ligiane. *Mulheres No Ministério Ordenado: Perspectivas e Desafios*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008. p.22.



Entre os números descritos acima, ainda há a situação atual em que estas mulheres se encontram, ou seja, qual é o tipo de vínculo que as mulheres ordenadas mantêm com a Igreja. Para termos o elemento comparativo, fizemos também o mesmo mapeamento com a situação dos homens ordenados pela Instituição.

Situação Atual (2009)	Mulheres	Homens
Em atividade extraparoquial	114	100
Inatividade	33	130
Em cedência	8	27
Em atividade paroquial	178	480
Em licença-estudo (particular)	05	04
Em estudo	01	05
Em licença (Geral)	20	20
Em licença-saúde	0	01



Neste mapeamento, é importante ressaltar que os dados não expressam a divisão por tempo parcial ou integral de trabalho, apenas o tipo de vínculo que a pessoa mantém com a Igreja. Uma breve análise desses dados nos indica uma disparidade entre a porcentagem de obreiras e obreiros que se encontram trabalhando em comunidade; em licença-geral; em estudo. Entre outros

questionamentos, poderíamos perguntar se essa disparidade é resultado de uma opção individual das obreiras e obreiros, ou se ainda é um resquício deste processo histórico no qual as mulheres vêm encontrando inúmeros obstáculos para ocupar o espaço que acreditam ser delas e assumir, de fato, o chamado ao ministério ordenado.

Como entender esses números sem olhar para o processo histórico vivido pelas mulheres para inserção no ministério ordenado? Durante as grandes conquistas feministas do século passado, as mulheres conseguiram ingressar na Faculdade de Teologia. No entanto, o direito ao ministério ordenado foi um processo mais lento, e o reconhecimento persiste de fato até hoje, em especial, o reconhecimento financeiro e a posição de liderança. Os trabalhos de mulheres são sempre bem-vindos enquanto voluntárias, enquanto esposas de obreiros, recebendo parcialmente seu ordenado. Agora, o reconhecimento como igual é algo que ainda exige discussão, articulação, empoderamento, parcerias.

1.6 O que encontramos quando emexemos o baú? Algumas ponderações

O percurso histórico que as mulheres trilharam para chegar aos dias de hoje inicia muito antes de seu ingresso nos estudos da teologia. Desde as primeiras comunidades cristãs, as mulheres estiveram presentes, sendo testemunhas do evangelho. No entanto, o contexto histórico e social as colocou como secundárias na história. Pouco se preservou a respeito das mulheres durante sua história na Igreja. Com a falta de registros, imaginou-se que estas passaram despercebidas, ao passo

que desvelamos nas entrelinhas as presenças das mulheres que, desde sempre, marcaram de alguma forma o seu testemunho do evangelho.

É no início dos anos 1950 que, com toda a influência da revolução social causada pelas feministas em várias partes do mundo, em especial, na França, as mulheres começaram a sair de suas casas e a inserirem-se no mercado de trabalho. Tal fato tem implicações também para a Igreja, pois as mulheres também querem nesse espaço sair do anonimato e ser protagonistas da sua própria história, o que inclui a buscar por formação teológica.

As primeiras mulheres a ingressarem na Faculdade de Teologia não concluíram seus cursos. Não se sabe ao certo o que as levou a desistir. As primeiras mulheres a se formarem em teologia não sabiam quando seriam ordenadas.

A diferença da primeira mulher a entrar na FACTEOL e a primeira a se formar Bacharela em Teologia é de 14 anos (1952-1966). Trata-se de um espaço de tempo bastante significativo. Este poderia ser um tempo “suficiente” para que as pessoas pudessem se familiarizar com a presença de mulheres no centro de formação. No entanto, ainda hoje, a presença de mulheres no centro de formação encontra inúmeros preconceitos e algumas barreiras.

Depois do egresso da primeira Bacharela em Teologia (1966), foram mais 12 anos até a conquista da primeira ordenação para uma mulher na IECLB (1982). Em outras palavras, 30 anos se passaram desde a primeira matrícula na Faculdade de Teologia até a primeira ordenação. É uma caminhada considerável de luta, resistência, perseverança, tudo para ter acesso ao serviço do ministério ordenado, para ter o direito de exercer o chamado de Deus para servir na sua “seara”.

Considerando que esse processo de transição, de lutas e de conquistas durou 30 anos entre a busca pela formação acadêmica e a ordenação, e tendo em vista que as mulheres podem ser ordenadas na IECLB há 28 anos, percebemos que esse tema é bastante recente, e, talvez, por isso, careça de maior aprofundamento. O fato é que nós não podemos dar o assunto por encerrado e estarmos convencidas de que a ordenação é suficiente, isto é, que todas as conquistas já foram feitas.

É preciso reconhecer que a militância fez parte do fio histórico que chegou à ordenação. No entanto, nem tudo está dado, e outro momento histórico se faz presente, tendo suas próprias demandas e necessidades. Esse novo momento traz consigo outras perguntas, especialmente, pela presença e pela articulação das mulheres ordenadas na Igreja.

As mulheres conseguiram ser a metade do corpo discente nos centros de formação, mas ainda não é a mesma proporção que alcança o ministério ordenado. Também não é a mesma proporção de homens e de mulheres que desenvolvem o seu ministério em comunidade. Poderíamos perguntar se isso seria uma opção, ou, então, se o cotidiano vai colocando as mulheres em outros lugares, que não a liderança nas comunidades. Além disso, é questionável se ainda a ausência de mulheres nos cargos de “poder” decisório tem influência diretamente nas políticas ministeriais para as mulheres. Essas e outras questões apontam para a necessidade de uma continuação na luta da história das mulheres no ministério ordenado. Caso contrário, cada obreira, cada mulher que desejou, mas não conseguiu permanecer no ministério, pensa e vive sua história sozinha. Ela passa a acreditar que as dificuldades são dela, um caso isolado, enquanto uma articulação e um seguimento apontam para várias realidades carentes de discussão.

Isso tudo para que as mulheres consigam exercer sua vocação, sem ter que desistir no caminho, para que possam vivenciar o ministério ordenado, em serviço e em amor. Elas reconhecem o caminho trilhado para conseguir o espaço que hoje pertence a elas no ministério ordenado. De igual forma, reconhecem os espaços que ainda precisam ser ocupados e os caminhos a serem trilhados para alcançá-los.

As mulheres foram se inserindo no ministério com ordenação da IECLB. O Conselho Diretor ocupou-se com esse assunto em algumas reuniões, como vimos anteriormente, e publicou em um dos seus Boletins Informativos algumas decisões sobre a ordenação de mulheres. Sentimos a falta de um posicionamento teológico a respeito, onde conste a posição da IECLB sobre sua prática, com argumentos bíblicos, teológicos e práticos, onde pudéssemos encontrar aporte institucional eclesial para esta discussão. Um posicionamento da Igreja sobre as mulheres no ministério ordenado, divulgado nas comunidades, ajudaria definitivamente na discussão sobre o assunto, principalmente, para as comunidades que nunca experimentaram a liderança de uma mulher, abrindo outras possibilidades. Em todo o caso, trata-se de um processo histórico. São trilhas e picadas que estão se abrindo. A partir da história que tivemos até aqui, o importante é que as mulheres foram e continuam sendo chamadas a servir a Deus, inclusive, através do ministério ordenado, e que cada vez mais possamos tomar consciência dos desafios e das possibilidades implicadas na presença das mulheres no ministério ordenado.

II DA HERMENÊUTICA DO DISCURSO À HERMENÊUTICA FEMINISTA: CONTRIBUIÇÕES PARA ANÁLISE DO DISCURSO DAS MULHERES NO MINISTÉRIO ORDENADO DA IECLB

*Tem água na bacia!*³⁵

*Tem água na bacia
Água fria
Ou morna, se quiser
Pra lavar o pé
Que vier*

*E virão pés...
Os pés mais diversos
Os pés mais descalços
Os pés mais necessitados
Da água da tua bacia*

*Tem água na bacia
Água fria ou morna, se quiser*

*Pra tirar a sujeira
(e tem tanta sujeira
Nos caminhos desta vida!)*

*Pra livrar da poeira
(e tem tanta poeira
Entre os espinhos
Desta vida)*

*Pra eliminar o cansaço
(e tem tanto cansaço
Pra acarinhar
Pra afugentar)*

...tem tanto pé

³⁵ CHRISTMANN, Louraini. *A vida em Poesia*. São Leopoldo: Editora Oikos, 2006. p. 36.

*Pra encaminhar
De volta pro caminho*

*Tem espinho demais
Tem pedra demais
Tem descaminho demais
Tem dor
Dor demais*

*Mas tem carinho demais
Em tuas mãos
Em tua bacia
Tem água
Morna ou fria
Pra lavar o pé
Que vier*

*Medo de não conseguir?
Medo de sucumbir
Na árdua missão
De lavar o pé
Que vier?*

*Mas e a graça maior
Que só por graça
Jesus te passa?!
Que é sustento
Que é alento
Que é tudo
Em tudo que tiveres
Que enfrentar?
Em cada pé que tiveres
Que lavar?!*

*Ahhh!
Essa graça
Jesus te passa
No passo a passo
Da caminhada*

*E agraciada (o)
Renovada (o)
Recriada (o)
A cada nova caminhada
Vais conseguir
Não vais sucumbir
Na árdua missão
De lavar o pé
Que vier*

*Tem água na bacia
Água fria
Ou morna, se quiser
Pra lavar o pé
Que vier...*

Esta poesia nos faz pensar sobre a água que temos na bacia para ofertar. Entretanto, de que bacia nós falamos? De que pés? Das interpretações possíveis para esta poesia, escrita pela pastora e poeta Lola, tendo como inspiração o texto de João 13.12-14, para a Ordenação de uma colega do pastorado, pensemos que a água que temos ou que poderemos ter e ofertar são as ideias, as palavras e suas interpretações. Estas podem ser de diferentes temperaturas, diferentes gostos, ou diferentes também podem ser as formas de usá-las, mas águas são sempre águas.

As possibilidades de interpretar este poema são múltiplas, mas existe uma verdade maior implícita: não existe liberdade no pensar, no agir, na possibilidade de interpretar. Cecília Meireles afirma que “Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda”³⁶. Cecília Meireles assevera que não há ninguém que possa explicar o significado da liberdade, mas, ao mesmo tempo, não há ninguém que não entenda o seu significado, de uma das mais belas palavras. Poderíamos pensar então a que a liberdade nos remete. Ela poderia nos remeter a muitos significados. Há muitas coisas que gostaríamos de nos libertar, mas há liberdade maior que a liberdade de pensamento, de poder perceber outras e novas possibilidades, de descobrir que existem outros cheiros e outros saberes, de descobrir a arte de interpretar?

³⁶ MEIRELES, Cecília. Disponível em: <http://www.pensador.info/autor/Cecilia_Meireles/>. Acesso em: 01 nov. 2010.

A arte de interpretar, de compreender e de explicar, não há ser humano que não a faça ou que não a deseje. Poderíamos afirmar então que somos hermeneutas por natureza? Vivemos imbricados no discurso, seja ele escrito ou falado, e os interpretamos constantemente como certo ou errado? Essa já é outra discussão.

Neste capítulo, num primeiro momento, trabalharemos a hermenêutica do discurso, com uma breve introdução à hermenêutica, seu conceito e sua diferenciação da exegese. Buscar-se-ão algumas reflexões teóricas acerca da interpretação, algo tão intrínseco do ser humano, analisando também a ordem do discurso a partir de Michel Foucault e trilhando pelo caminho da desconstrução dos estudos culturais. Na seqüência, abordaremos a hermenêutica feminista, apresentando sua definição, seus objetivos, suas contribuições, seus passos metodológicos. Para uma melhor compreensão do que é a hermenêutica feminista, desenvolveremos um exercício hermenêutico feminista a partir de um determinado texto bíblico.

Os trechos das entrevistas de obreiras da IECLB, cedidas para a Pesquisa “Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho” continuarão a ser exploradas neste capítulo. Isso porque a busca pelo conhecimento teórico a respeito da hermenêutica do discurso e também da hermenêutica feminista tem como foco o fornecimento de elementos para que possamos interpretar o discurso destas mulheres de uma forma mais profunda e reflexiva.

2.1 Hermenêutica do Discurso

2.1.1 Introdução a Hermenêutica

A Hermenêutica pode ser definida como a ciência da interpretação – explicação de documentos escritos ou o princípio de interpretação. Significa a interpretação, compreensão e explicação de textos literários.³⁷ O termo provém do grego *hermeneuo* – *interpretar* – ou *hermeneia* – interpretação. Sua origem remete à mitologia grega: Hermes, o deus mensageiro de pés alados, mensageiro ou intérprete dos deuses, é o mensageiro ou quem decifra mensagens. “Cabia a ele transformar o que estava além do entendimento humano em algo que a inteligência humana pudesse assimilar”.³⁸ Atribui-se a ele a descoberta da linguagem verbal e a escrita. “Assim o verbo *hermeneia* passou a significar o ato de levar alguém a compreender algo em seu próprio idioma (logo, ‘explicar’) ou em outra língua (logo, ‘traduzir’).”³⁹

Uma diferença a ser considerada é a distinção de hermenêutica e exegese. Poderíamos então conceituá-las da seguinte forma: Exegese: exposição – denota a obra atual da hermenêutica, exercício de compreensão e interpretação de um texto, compreensão do conteúdo. O método exegético é o modo de proceder sistematicamente sobre um texto para compreendê-lo.⁴⁰ Já a hermenêutica é a ciência da interpretação; o que fornece os princípios gerais de interpretação. A teoria sobre o ato de compreender e de interpretar textos, princípios de compreensão do

³⁷ SCHÖKEL, Alonso, BRAVO, José Maria. *Apuntes de Hermenéutica*. Madrid : Ed. Trotta, 1994. p.21.

³⁸ ZUCK, Roy B. *A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia*. São Paulo, Vida Nova, 1994. p. 20.

³⁹ ZUCK, 1994, p. 20.

⁴⁰ ZUCK, 1994, p. 20.

conteúdo. A exegese poderia ser a aplicação da ciência da interpretação; uso dos princípios na interpretação (fornecidos pela hermenêutica).

2.1.2 Teoria da interpretação

Um estudo que consideramos relevante é a hermenêutica do discurso, com suas teorias de interpretação e de análise do discurso. Nesse sentido, abordaremos algumas teorias sobre o assunto para que possamos ampliar nossos conhecimentos a respeito de hermenêutica. Esses conhecimentos são fundamentais para a interpretação dos discursos das mulheres que trabalham no ministério ordenado na IECLB.

Iniciamos a falar sobre discurso com Paul Ricoeur, que estuda os problemas da linguagem como discurso. Ricoeur lembra o pensamento platônico: “uma palavra por si mesma não é verdadeira nem falsa, embora uma combinação de palavras possa significar alguma coisa [...] o suporte deste paradoxo é, mais uma vez a frase e não a palavra”.⁴¹ Em outras palavras, é o contexto que vai determinar a intenção do discurso. Em seu estudo, Ricoeur descobriu que o erro e a verdade são o carisma do discurso. Ele afirma que

O discurso exige dois signos básicos - um nome e um verbo - que se conectam numa síntese que vai além das palavras [...] um nome tem um significado e um verbo tem, além do seu significado, uma indicação de tempo. Só a conjunção produz um elo predicativo, que se pode chamar logos, discurso.⁴²

⁴¹ RICOEUR Paul. *Teoria da Interpretação: O Discurso e o excesso de significação*. Edições 70: Lisboa, 1976. p.13.

⁴² RICOEUR, 1976, p.13.

De acordo com Ricoeur, esta unidade sintética comporta o duplo ato de afirmação e de negação. Em outras palavras, uma afirmação pode ser confrontada por outra afirmação e ambas podem ser verdadeiras ou falsas. Entretanto, essa discussão é mais antiga. O tema em pauta para o autor tem a ver com a lingüística moderna. Segundo Ricoeur, o discurso pode opor-se a um termo contrário aos pensados pelos filósofos antigos. O termo oposto é hoje objeto autônomo da investigação científica. “É o código lingüístico que fornece uma estrutura específica a cada um dos sistemas lingüísticos, que agora conhecemos como diversas comunidades lingüísticas. Língua... designa a estrutura particular do sistema lingüístico particular”.⁴³ Para o autor, o discurso se torna problemático hoje porque as principais realizações da linguagem dizem respeito à língua enquanto estrutura e sistema, e não enquanto usada. A tarefa seria então “libertar o discurso do seu exílio marginal e precário”.⁴⁴ O discurso se realiza temporalmente e num momento presente, enquanto que o sistema da língua é virtual e fora do tempo, traço este que aparece no movimento de atualização da língua para o discurso. O autor afirma então que “Se todo o discurso se atualiza como um evento, todo discurso é compreendido como significação”.⁴⁵

Ricoeur aborda também o “acto interlocucionário”. O discurso é dirigido a alguém, a presença do par, locutor e ouvinte, que constitui a linguagem como comunicação. Cada ato interlocucionário é uma espécie de pergunta. Ainda nesse tópico, o autor fala da experiência de que “o que é experimentado por uma pessoa não se pode transferir totalmente como tal e tal experiência para mais ninguém”.⁴⁶ Uma experiência não pode ser passada diretamente a ser experiência de outra

⁴³ RICOEUR, 1976, p.14.

⁴⁴ RICOEUR, 1976, p.14.

⁴⁵ RICOEUR, 1976, p.23.

⁴⁶ RICOEUR, 1976, p.27.

pessoa, no entanto, algo pode ser transferido de uma pessoa para outra, não a experiência enquanto experimentada, mas sim a sua significação. A experiência em si permanece privada, mas o seu sentido e a sua significação tornam-se públicas. É o sentido e o significado das experiências que partilhamos nos testemunhos mais diferenciados de mulheres, que, embora cada um seja único e cada experiência traga o seu sentido e a sua significação, muitas das experiências que as obreiras vivenciam se assemelham em vários pontos.

Ricoeur apresenta o texto escrito como uma forma de discurso. Segundo o autor, é um discurso sob forma de inscrição, onde as condições da possibilidade do discurso são também as do texto, o que amplia bastante o horizonte do discurso. Ao falar em texto, Ricoeur trata da transição da fala para a escrita e das condições de possibilidades na teoria do discurso que o texto também encontra. Ricoeur assevera que “A dissociação da significação verbal do texto e da intenção mental do autor dá ao conceito de inscrição o seu significativo decisivo, para além da mera fixação do discurso oral prévio”.⁴⁷ O texto toma autonomia e desconexa da intenção mental do autor com certa relativização até mesmo do significado verbal do próprio texto. “O que o texto significa interessa agora mais do que o autor quis dizer, quando escreveu”.⁴⁸ Isso gera uma autonomia semântica, conceito de grande importância para a hermenêutica, pois a exegese começa com ele, desdobrando seus procedimentos dentro da abrangência de um conjunto de significações. Os conceitos de autor e de significado autoral levantam um problema hermenêutico contemporâneo, a autonomia semântica.

Enquanto o discurso falado se dirige a alguém que é previamente determinado pelo diálogo, um texto escrito dirige-se a um leitor desconhecido ou a

⁴⁷ RICOEUR, 1976, p. 41.

⁴⁸ RICOEUR, 1976, p. 42.

quem saiba ler. Ricoeur diz que “o direito do leitor e o direito do texto convergem numa importante luta, que gera a dinâmica total da interpretação. A hermenêutica começa onde o diálogo acaba”.⁴⁹ Ou seja, segundo Ricoeur, quando não podemos mais dialogar com idéias do próprio autor, passamos a fazer a nossa própria hermenêutica, dando certa independência ao próprio texto e às idéias que este suscita. Além da linguagem como discurso, da fala e da escrita, a metáfora e o símbolo também são consideradas por Ricoeur na teoria da interpretação.

A metáfora é “um poema em miniatura”. Ela traz para o discurso a relação entre o sentido explícito e implícito e lida com a relação entre sentido literal e figurativo. A metáfora é bastante usada pela literatura, especialmente pela poesia: “a metáfora pertence ao jogo da linguagem que rege a designação”.⁵⁰ Ricoeur cita ainda uma definição de Aristóteles sobre a metáfora: “aplicação a uma coisa de um nome que pertence a outro e a transferência tem lugar do gênero para a espécie para outro gênero, de espécie para espécie, ou proporcionalmente”,⁵¹ acrescentando ainda o uso das imagens comparativas. Para Ricoeur, a metáfora começa onde acaba o código lexical, tratando as significações figurativas de uma palavra que podem se tornar parte do uso ordinário. Uma conclusão acerca da metáfora é que ela não é um ornamento do discurso, mas tem um valor emotivo, oferecendo uma nova informação. Uma metáfora tende a dizer algo novo acerca da realidade.⁵²

O estudo do uso do símbolo depara-se com dificuldades maiores do que o estudo da metáfora, pois os símbolos são estudados por vários campos, encontrando-se dispersos e divididos por estes campos de investigação que tendem a perder-se em sua proliferação. Outra dificuldade para Ricoeur seria o fato do

⁴⁹ RICOEUR, 1976, p.43.

⁵⁰ RICOEUR, 1976, p.59.

⁵¹ RICOEUR, 1976, p.59.

⁵² RICOEUR, 1976, p.64.

conceito de símbolo reunir duas dimensões, dois universos de discurso, um de ordem lingüística e outro de ordem não-lingüística. O autor afirma que

O caráter lingüístico dos símbolos é atestado pelo fato de que é efetivamente possível construir uma semântica dos símbolos, isto é, uma teoria que explicaria a sua estrutura em termos de sentido ou significação. Podemos falar assim dos símbolos como tendo um duplo sentido ou um sentido de primeira e segunda ordem. Mas a dimensão não lingüística é de fato, tão óbvia como a dimensão não lingüística [...] um símbolo refere sempre o seu elemento lingüístico a alguma coisa mais.⁵³

É na complexidade externa dos símbolos que Ricoeur se esforça em clarificá-los à luz da teoria da metáfora. Para tanto, Ricoeur realiza três passos: primeiro, identifica o cerne semântico; segundo, isola o estrato não-lingüístico e, por fim, a nova compreensão dos símbolos suscitará, em troca, ulteriores desenvolvimentos na teoria da metáfora, os quais, de outro modo, permaneceriam ocultos. O autor afirma então que “A teoria dos símbolos permitir-nos-á assim completar a da metáfora”.⁵⁴

Tão importante quanto estudar o locutor, o autor ou o escritor, é, segundo Ricoeur, a compreensão do discurso. Segundo o autor, “a compreensão acha o seu campo originário de aplicação nas ciências humanas, onde a ciência tem a ver com a experiência de outros sujeitos ou de outras mentes semelhantes às nossas”.⁵⁵ A interpretação seria um caso particular de compreensão. Esta aponta para a unidade intencional do discurso, ao passo que a explicação visa à estrutura analítica do texto, uma dialética complexa, que se faz presente na dinâmica da leitura. A interpretação não é só utilizada para os textos escritos, mas para todos os fatos e objetos que encontramos no nosso cotidiano. Ricoeur afirma que “a interpretação é o processo pelo qual o desvelamento de novos modos de ser [...] de novas formas

⁵³ RICOEUR, 1976, p.65.

⁵⁴ RICOEUR, 1976, p.66.

⁵⁵ RICOEUR, 1976, p.84.

de vida – proporciona ao sujeito uma nova capacidade de a si mesmo se conhecer”.⁵⁶

2.1.3 A ordem do discurso

Diariamente, o discurso está presente em nossas vidas. Quer seja pensado ou não, somos tomados por ele, tanto a pessoa de quem parte o discurso quanto de quem se deixa se envolver por ele do outro lado, como ouvinte. O discurso pode ser pronunciado, escrito ou até mesmo silenciado. Ao iniciar sua reflexão sobre a ordem do discurso e seus perigos, Michel Foucault assevera que

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjugar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.⁵⁷

É importante levarmos essa suposição de Foucault em consideração. Faz toda a diferença termos ciência de que a produção do discurso na sociedade é controlada e selecionada com uma intencionalidade que, segundo o autor, é compatível com os seus poderes e perigos. Entendemos, portanto, que, dependendo da posição social que se ocupa ou se deseja ocupar, se prefira um determinado tipo de discurso, já pré-determinado pela própria sociedade. Não se diz tudo no grupo social ao qual se pertence, a qualquer hora. Existem tabus, assuntos nos quais nem são abordados. O discurso não é neutro. Foucault diz ainda que é na sexualidade e na política que as grades são mais cerradas. Nessas áreas, é como se “o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro, no qual a sexualidade se

⁵⁶ RICOEUR, 1976, p.106.

⁵⁷ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Edições Loyola: São Paulo, 1996. p.8.

desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes”.⁵⁸

O discurso está relacionado com o desejo e o poder. Segundo Foucault, o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta ou oculta o desejo, mas é também o objeto de desejo: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, é o próprio poder do qual nós queremos nos apoderar”.⁵⁹ Nossa sociedade é exclusivista, e, como tal, tem um discurso seletivo. Foucault põe três princípios de exclusão do discurso: a interdição, a separação e a rejeição. Afirma ele que

É claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: jogo de três tipos de interditos que se cruzam, que se reforçam ou que se compensam, formando uma grelha complexa que está sempre a modificar-se.⁶⁰

Existem vários discursos que são simplesmente rejeitados pela sociedade. Foucault cita o exemplo do discurso do louco, o qual, desde a alta Idade Média, não era acolhido justamente por ser considerado desprovido de verdade e importância, uma vez que o próprio louco estava impedido de circular com os outros. Esse princípio de exclusão pode ser estendido para o discurso das mulheres, pois, em muitos espaços, onde a mulher ocupa determinados cargos, o seu discurso é rejeitado, é dado como sem importância. Os procedimentos de controle e de delimitação do discurso funcionam como sistemas de exclusão; dizem respeito à parte do discurso que põe em jogo o poder e o desejo. Os princípios de exclusão

⁵⁸ FOUCAULT, 1996, p.10.

⁵⁹ FOUCAULT, 1996, p.10.

⁶⁰ FOUCAULT, 1996, p.10.

citados até agora funcionam como sistemas de exclusão externos, mas também há elementos internos, como cita Foucault:

Visto que os discursos eles mesmos exercem seu próprio controle; procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se tratasse, desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso.⁶¹

Os discursos são contados e se repetem como narrativas recontadas, ditos encontrados na nossa cultura, nos textos religiosos ou jurídicos, literários e científicos. Os discursos são sempre reatualizáveis e passivos de várias interpretações. Os textos religiosos, por exemplo, são usados para reforçar posições contrárias, como no caso da ordenação de mulheres, em que a Bíblia é fonte de argumento para as Igrejas contrárias à ordenação, com determinados textos e determinadas interpretações. Já as Igrejas que ordenam as mulheres também se apóiam em textos bíblicos para justificar a sua posição. Existem discursos que circulam sem receber sentido de um autor, tais como decretos e conversas cotidianas. Entretanto, há domínios em que a atribuição a um autor é regra, “na ordem do discurso científico, a atribuição de um autor era, na idade Média, indispensável, pois era um indicador de verdade”.⁶² De fato, ainda hoje, o discurso científico, para ter seu discurso reconhecido, cita o discurso de um autor ou autora renomado.

Outro procedimento que permite o controle dos discursos para Foucault “trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles”.⁶³ Um seletivo grupo cumpre certas exigências e é qualificado para entrar na ordem do discurso, ou “nem todas as regiões do discurso são

⁶¹ FOUCAULT, 1996, p.21.

⁶² FOUCAULT, 1996, p.27.

⁶³ FOUCAULT, 1996, p.36.

igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas, enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala”.⁶⁴ Foucault afirma ainda que “os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos”.⁶⁵ Seria um regime exclusivista, no qual o discurso somente é revelado em partes, como os segredos técnicos e científicos, o discurso médico, econômico ou político. No entanto, poderíamos acrescentar também o discurso teológico, no qual o discurso pastoral é apenas parcial, não abrange todo o conhecimento acerca das questões teológicas. Nem tudo é dito, há certas verdades e certos conhecimentos que, em muitos momentos, ficam retidos nas mãos de quem tem o domínio do conhecimento. O discurso é proferido a partir de um lugar, um contexto, uma situação, mas, acima de tudo, dentro de uma determinada cultura, por isso entendemos como relevante os estudos culturais, tema pelo qual transitaremos a seguir.

2.1.4 Desconstrução e estudos culturais

Não buscamos os estudos culturais de uma forma convencional, mas sim a partir de um artigo chamado “Desconstruindo os estudos culturais”, apresentado pela autora Leyla Perrone-Moisés no IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada. A noção de desconstrução citada neste artigo

⁶⁴ FOUCAULT, 1996, p.37.

⁶⁵ FOUCAULT, 1996, p.39.

não é nada demolidora, nem mesmo destruidora. Trata-se da concepção de Jacques Derrida a respeito. Segundo a autora Perrone-Moisés,

A desconstrução derridiana é uma leitura fina e minuciosa de textos da tradição ocidental, visando a mostrar seus pressupostos idealistas e metafísicos. Derrida aponta e questiona, nesses textos, os dualismos hierárquicos em que o primeiro termo tem sido historicamente privilegiado: ser/não-ser, fala/escrita, realidade/aparência, masculino/feminino, etc.⁶⁶

A desconstrução é então um olhar mais aguçado na tradição, elucidando e questionando a hierarquia privilegiada entre outras da fala sobre a escrita e do homem sobre a mulher. Por exemplo, os homens, quando vão para exercer o seu pastorado em uma comunidade, já possuem o seu espaço garantido. No entanto, historicamente, é um lugar masculino. Quando uma mulher é enviada para uma comunidade, ela precisa mostrar o seu trabalho primeiro, mostrar a sua capacidade. Ela precisa conquistar o seu espaço, muitas vezes, com esforço, como transparece na seguinte fala: “Então primeiro tu precisas falar, fazer alguma coisa pra que as pessoas possam te dar uma carta de crédito”.⁶⁷

Segundo a Perrone-Moisés, no discurso de Derrida, são encontradas com frequência as formulações “Nem isso, nem aquilo” e “por um lado, por outro”. Isso porque a desconstrução não imobiliza uma afirmação plena. Visa uma atitude de crítica permanente, reconhecendo que a aporia é o seu limite juntamente com o que existe entre o pensar e fazer. Derrida traz algumas reflexões acerca dos estudos de gênero e feminismo como considerações a respeito do falocentrismo da cultura ocidental. Segundo a autora, estas “servem aos estudos feministas como base conceitual e terminológica para demonstrar, em nossa cultura, o domínio do

⁶⁶ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Desconstruindo os estudos culturais*. Artigo apresentado no IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada. Évora, 2001. p.1

⁶⁷ Trechos (não publicados) das entrevistas cedidas para a pesquisa “Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho”, 2009.

modelo masculino e a opressão das manifestações femininas”.⁶⁸ Derrida defendeu ainda uma escrita feminina com características próprias. Entretanto, criticou a essencialização do feminino realizada por algumas feministas. A essencialização é excluída do seu pensamento, assim como a tentativa de superioridade do feminino sobre o masculino. No entanto, ressaltamos que a maior parte do discurso feminista trabalha a valorização da mulher, buscando uma equiparação de direitos e de relações e não a superioridade. A respeito das relações de gênero, a autora diz ainda que

As relações das feministas com as propostas de Derrida têm sido ambivalentes. Questionado recentemente acerca do “feminino” em suas obras, Derrida respondeu que seu discurso tanto pode encontrar aliadas entre as mulheres, como inimigas entre as feministas: “Para além da dualidade masculino/feminino, se a questão da diferença sexual é com efeito indissociável de todos esses textos, não creio que se possa imobilizar o seu teor numa *posição* feminista” (J. Derrida 1999 [I]: 28).⁶⁹

Entre as mulheres, as ideias de Derrida encontram aliadas ou não, depende da hermenêutica que cada uma faz de seus discursos. Podemos concordar com Derrida em alguns pontos, mas não com o todo de suas ideias. Tal como nessa última citação, podemos concordar de que a diferença sexual é indissociável de todos os textos. Agora, poderíamos criticá-lo quanto a imobilizar o seu teor numa posição feminista. Muito raramente uma feminista terá a intenção de “imobilizar” o teor de um texto. O que as feministas buscam trabalhar nos textos são elementos não pensados por autores masculinos. Isso significa resgatar elementos e questões acerca do gênero que possam dar subsídios para as mulheres pensarem e reivindicarem seus espaços e suas posições na família, no trabalho e no mundo; e não apenas buscar ocupar os espaços masculinos para tomar o “lugar dos homens”

⁶⁸ PERRONE-MOISÉS, 2001, p.2.

⁶⁹ PERRONE-MOISÉS, 2001, p.3.

apenas invertendo os papéis como Derrida parece sugerir. A respeito dos estudos éticos, Derrida diz que a mesma essencialização acontece, ao sugerir que

Os mais desenvolvidos desses estudos se referem a questão dos negros. Como se sabe, as batalhas políticas pelos direitos dos negros, nos Estados Unidos, levaram a uma essencialização e a uma valorização da “raça”, o que, além de ser um retorno às teorias deterministas do fim do século XIX, é sempre perigoso, do ponto de vista da prática política.⁷⁰

Em busca de uma “africanidade” essencial e originária, muitos teóricos negligenciaram as enormes diferenças culturais entre os povos africanos, e entre os negros aculturados em outras partes do mundo. A tendência à exaltação do anteriormente oprimido, como diferente e superior, tem conduzido a um discurso panfletário e, no campo da crítica e do ensino, a uma valorização ideológica de toda literatura minoritária como necessariamente boa e estimável, o que, na verdade, as exclui do paralelo com as literaturas hegemônicas. Desnecessário dizer que o conceito ontologizado de “etnia”, assim como o de “gênero”, não tem lugar no discurso de Derrida.

O discurso derridiano nos mostra claramente o preconceito que muitas pessoas têm em relação ao feminismo. Citando o extremismo, o autor parece se colocar logo contra, dando a impressão de que, em sua maioria, as mulheres são extremistas ao falar em estudos de gênero, ou que o mesmo aconteça nos estudos culturais e étnicos. Não podemos afirmar que tais fatos não aconteçam, mas não são “a regra”. Nem por isso deixaremos de discutir as questões de gênero, tentamos então fazer uso das afirmações e dos estudos de Derrida que possam nos ajudar a compreender melhor os estudos culturais e o seu conceito de desconstrução, tão importante para as feministas.

⁷⁰ PERRONE-MOISÉS, 2001, p.3.

2.1.5. Algumas reflexões entre o discurso e as falas

O discurso das mulheres ordenadas é intrigante e revelador. Uma simples análise já indica dados interessantíssimos como, por exemplo, o fato de as mulheres enfatizarem em seu discurso que não encontram dificuldades em seu campo de atuação; isto é, que o trabalho está muito bom. No entanto, ao longo da fala, surgem nuances que indicam uma realidade que não está tão tranquila assim. São “pequenas” discriminações que acontecem no dia-a-dia. A essas situações consideradas isoladas, as mulheres não dão muita importância, apesar de se sentirem incomodadas.

É no cotidiano que discursos velados são incorporados na prática das mulheres, e estas vão (em muitas situações) naturalizando dificuldades que seus colegas homens não encontram. Desse modo, elas acabam por não discutir esses assuntos. Para muitas pessoas, só o fato de elas estarem ali já não é natural. As mulheres precisam “dar conta” do serviço sem reclamar, pois estão ocupando um “espaço” que não é seu por natureza. Por isso temos a impressão pelo seu discurso de que está tudo bem. No entanto, não o aceitamos enquanto não estiver tudo bem “de fato”; isto é, enquanto o discurso de inclusão não estiver realmente presente na prática, não podemos aceitá-lo na teoria.

O discurso e a interpretação estão sempre presentes quando analisamos falas ou textos. Nesse sentido, continuamos a pesquisar essa temática. O que apresentamos aqui é apenas uma inserção na hermenêutica do discurso, que estenderemos agora para a hermenêutica feminista. Esta nos apontará outros caminhos para a interpretação.

2.2 Hermenêutica Feminista

2.2.1 Uma Introdução à hermenêutica feminista

Nancy Cardoso afirma que “a Bíblia para as mulheres é como uma terra que precisa ser arada, remexida. É uma terra que está endurecida pelo tempo, mas que esconde muita fertilidade que precisa ser descoberta”.⁷¹ A Bíblia reflete costumes, culturas e épocas muito antigas e diferentes. São textos e leituras patriarcais que vem se acumulando ao longo dos anos. E preciso que se levantem suspeitas destes textos tanto das traduções quanto das tradições e interpretações.

Durante anos, as mulheres sofrem opressão, violência, agressão, abuso, manipulação e o corpo tem sido este espaço. O texto é como um corpo, ele é fruto de relações de gênero, e é preciso entender o texto a partir das relações concretas dos corpos. O corpo como critério hermenêutico oferece alternativas de leituras que querem convidar para um diálogo e para uma vivência de novas relações entre homens e mulheres, na teologia, nas igrejas, em casa, na cama, na vida.

Uma hermenêutica feminista que busca a libertação das mulheres desse sistema opressor ao qual são submetidas deve levar em conta a realidade de cada pessoa. A vivência cotidiana lê, interroga e interpreta os textos bíblicos. É preciso buscar uma reaproximação das nossas vidas cotidianas com a Bíblia. Nessa reaproximação com o texto, levamos conosco nossas vidas, nossas histórias e nossas experiências que consideramos sem importância, tão comuns, mas que fazem parte da construção do sistema.

⁷¹ PEREIRA, Nancy Cardoso. Editorial: Pautas para uma hermenêutica feminista de libertação. *RIBLA: Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n.25, 1996. p.5

Para que a terra volte a ser fértil é preciso remexer, tirar aquilo que a impede de ser produtiva para depois trazer elementos novos e adubá-la. Neste processo de tirar aquilo que impede o crescimento, acontece o processo de desconstrução. É preciso desconstruir as relações que aparecem estruturadas no discurso. Usa-se a hermenêutica da suspeita, busca-se perceber onde as mulheres foram excluídas ou incluídas. Faz-se crítica ao patriarcado, a história da interpretação dos textos, visando resgatar e reconstruir a participação das mulheres ao longo da história, e o significado dessa participação.

As teorias de gênero desnaturalizam os papéis, as identidades, as funções e as relações que determinada sociedade atribui a homens e mulheres. Elas entendem que estas atribuições são frutos da construção social, que podem ser desconstruídas e reconstruídas. Na reconstrução, começa-se a acrescentar outros insumos, elementos a esta terra remexida, buscando resgatar a sua fertilidade. A reconstrução reformula paradigmas de interpretação, mas também acrescenta novos paradigmas que permitam novas interpretações da mensagem. É a reconstrução da história e da participação das mulheres que não aceitam mais serem minorias. Reconstruir o texto é torná-lo libertador, é inviabilizar qualquer tipo de interpretação que controle o texto e sua mensagem. É a construção de uma nova história para as mulheres, com novas relações humanas, uma nova linguagem. É considerar toda a história de vida das mulheres, é criar espaços nos quais elas possam se encontrar, sentirem-se acolhidas e vivenciar sua espiritualidade. A construção busca novas perspectivas para as mulheres.

Marga Janéte Ströher cita algumas implicações para o fazer teológico feminista, tais como: crítica das estruturas patriarcais das igrejas; crítica da linguagem excludente; afirmação da cidadania religiosa das mulheres;

reivindicação do reconhecimento do trabalho teológico das mulheres; denúncia da violência e do abuso de poder eclesiástico; releitura bíblica a partir da experiência das mulheres: opressão e luta por libertação; nova proposta de conteúdos teológicos, não apenas revisão; proposta de uma nova visão antropológica do homem e da mulher⁷². A autora trabalha com o que chama de “Caminhos Hermenêuticos Feministas”, os quais ela divide em três pontos de abordagem: 1) pressupostos da metodologia; 2) passos metodológicos e 3) a proposta de Elisabeth Schüssler-Fiorenza. Veremos cada um destes de forma mais aproximada.

1 – Alguns Pressupostos da Metodologia Feminista: Resgatar histórias de mulheres, ressaltando tanto a ausência e a invisibilização quanto a aparência e retratação. Considerar a Bíblia como testemunho de experiências plurais e as *experiências* das mulheres e os diferentes *contextos* – experiência como critério hermenêutico. *Gênero* como mediação hermenêutica – evidencia relações de gênero e de poder. Redefinir o conceito de *autoridade e normatividade bíblica*. *Corpo, saber e poder* como eixos hermenêuticos.

2 – Passos Metodológicos: **Desconstrução**: Hermenêutica da suspeita. **Reconstrução**: Resgate das histórias. **Construção**: tecer novos fios.

A *Desconstrução* é parte constitutiva de uma hermenêutica da **suspeita**: o texto, o processo de canonização, as traduções, a história interpretativa e a tradição cristã têm marca androcêntrica e respondem a interesses e estruturas patriarcais. A *Desconstrução* resgata e reconstrói a participação das mulheres na história, recupera tradições alternativas, resgata o significado dessa participação, rompe com o silêncio das fontes androcêntricas, resgata as resistências.

⁷² Cf. STRÖHER, Marga J. Caminhos de resistência nas fronteiras do poder normativo: um estudo das Cartas Pastorais na perspectiva feminista. São Leopoldo: IEPG/EST. (Tese de Doutorado) 2002. Cap. 2

A *Construção* é a hermenêutica crítica reconstrutiva e **construtiva-propositiva**. É hermenêutica de construção de uma nova história para as mulheres; busca novas articulações das normas e métodos da teologia e novas normas para a interpretação da tradição, da Bíblia, da teologia e da história.

As mulheres são sujeitos históricos, também na atividade teológica – **cidadania teológica**. Elas propõem o cotidiano-espço de atuação e de transformação histórica, novos paradigmas e novas concepções de construção do conhecimento, novas perspectivas eclesiológicas – poder compartilhado, articulação de nova linguagem – não apenas teológicas, mas interpessoais, novas relações humanas, novas relações com a natureza – ecofeminismo, ressignificação dos discursos teológicos e de suas práticas: linguagem, revisão das imagens de Deus cristalizadas, buscar fontes e criar espaços de espiritualidade. Esse exercício hermenêutico busca tecer novos fios, novas propostas nesse constante processo de desconstrução-reconstrução-contrução.

3 – A Proposta de Elisabeth Schüssler-Fiorenza:

Hermenêutica da Suspeita: textos e interpretações androcêntricas e com funções patriarcais.

Hermenêutica do anúncio: textos opressivos e patriarcais não podem ter autoridade como revelação de Deus. Descobrir a força libertadora da Bíblia.

Hermenêutica da memória: resgatar a experiência comum das mulheres – tornar viva a memória de sofrimento e de esperança das irmãs da Bíblia – memória subversiva, perigosa.

Hermenêutica da atualização criativa: trazer à expressão a história de libertação das mulheres bíblicas – processo de revisão criativa: formas criativas, rituais, liturgias, músicas, danças, criatividade literária.

2.2.2 Um exercício de Hermenêutica

Para uma melhor compreensão da proposta da hermenêutica feminista e dos passos metodológicos, apresentamos agora a aplicação destes em um texto bíblico: Lucas 13.10-13: A mulher encurvada.⁷³

DESCONSTRUÇÃO:

Questões levantadas, a partir da suspeita.

1. Encurvamento é somente doença física?
2. O que fez essa mulher ficar e viver 18 anos assim?
3. Porque a cura no sábado?
4. Ela buscou a cura? Ou ela queria somente ver Jesus?
5. Jesus a chamou, a curou sem ter ela se aproximado dele?
6. Ela estava entre a multidão, ou ela chegou depois?
7. Era solteira ou casada?
8. O que é esse estar livre da enfermidade?
9. O que significou essa imposição de mãos para a mulher?

⁷³ Esse exercício hermenêutico do texto de Lc.13.10-13 será realizado tendo como base os passos metodológicos da hermenêutica feminista.

10. O que é ser chamada de filha de Abraão?
11. A ênfase dada ao texto é a cura no sábado ou a cura de uma mulher enferma?
12. Ela tem um nome?
13. O que essa cura significou para aqueles que a presenciaram?

RECONSTRUÇÃO:

O texto reflete toda a submissão e a opressão da mulher, sentida e vivenciada pelo sistema social, cultural e religiosa da época. A libertação não se dava através da fé, mas de um sistema que devia ser quebrado e reconstruído de forma diferente: Jesus quebra o paradigma patriarcal da época. Jesus liberta a mulher das amarraduras religiosas, opressão presente também na religião, para que ela pudesse escutar de “cabeça erguida” seus ensinamentos, devolvendo a dignidade de ser humano, sujeito da sua própria história.

A mulher em seu interior ansiava pela sua cura, mas, pelo sistema, ela não se julgava digna de se aproximar do mestre. No entanto, Jesus exalta e cura essa mulher, dá a ela a dignidade do Reino, a chama de filha de Abraão. Acreditamos que ela esteja dentro da sinagoga, em meio à multidão, e que Jesus a escoheu propositalmente, para mostrar as novas relações que o Reino de Deus propõe; que o que Deus quer vai além das leis impostas da época. Jesus liberta essa mulher e também as outras pessoas encurvadas do sistema de submissão, para terem direito de ser expressão de uma vida nova.

Libertar-se da enfermidade significava poder libertar-se de todo o sistema opressor, a qual ela estava submetida. Significava poder levantar a cabeça e dar

graças a Deus pela sua obra, realizada através de Jesus. Através do toque de Jesus a mulher, que era considerada uma pessoa impura, recebe a sua vida de volta, a sua vida em plenitude.

Quando Jesus diz que esta mulher é filha de Abraão, Ele dá a essa mulher o direito da herança no reino de Deus e a inclui na promessa da salvação. Ser chamada de filha de Abraão toma esta mulher pertencente à história do povo de Deus, e ainda como alguém que tem muita fé nesse Deus.

A cura da mulher foi importante, visto que este relato não pode ser omitido. No entanto, o relato não fornece muitas informações sobre essa mulher, nem sequer aparece o seu nome. Isso nos faz acreditar que a história da mulher é secundária para quem a escreveu, uma vez que o texto ressalta a cura no sábado, visto que o assunto da cura no sábado aparece novamente no capítulo 14.

A multidão se alegra com a libertação da mulher, mas, ao mesmo tempo, a cura causa a ira do chefe da sinagoga, pois não era permitida cura no sábado. Dizia ele que havia outros seis dias para realizar a cura. Talvez a multidão não tenha percebido a importância dessa cura, dessa libertação, para essa mulher e para as novas propostas de relacionamento que Jesus propunha. Nestas as mulheres também podem ter uma postura clara, uma postura igual aos homens, onde a Igreja não só se reservasse a cumprir as tradições e os costumes, mas pudesse ser fonte de vida digna.

CONSTRUÇÃO:

Muitos elementos novos já foram se incorporando no processo de reconstrução, mas podemos lembrar aqui alguns “fios” que podem ser

acrescentados. Essa mulher é colocada em pé de igualdade com as outras pessoas. Jesus propiciou a esta mulher e a todas as outras pessoas uma nova maneira de se relacionar, quebrando os paradigmas de relacionamento da época. Curando a mulher encurvada, Jesus mostra como as mulheres têm direito a uma postura igualitária, o que significa caminhar em pé de igualdade com todas as pessoas e, como elas, receberem o amor e a proteção de Deus. A sinagoga, no contexto, assim como as Igrejas para o cristianismo hoje, é apresentada como um lugar com grande potencial de transformação para as mulheres encurvadas, pelos mais diferentes tipos de submissão; espaço esse que, muitas vezes, só sacralizou essa opressão e não cumpriu o seu papel de agente de libertação.

Avaliação do processo hermenêutico:

O processo realizado no texto bíblico de Lucas 13.10-13 se deu pelos olhos da hermenêutica feminista. Esta pode ser composta pelos processos de desconstrução, reconstrução e construção. Acreditamos que, após todo e qualquer processo hermenêutico, a abordagem do texto nos levará automaticamente a olharmos e a refletirmos os textos bíblicos com outros olhos. Entretanto, refletiremos as sensações vividas e experimentadas na elaboração hermenêutica desse texto da “mulher encurvada”.

Em primeiro lugar, a escolha deste texto se deu por se tratar de um texto que mexe internamente com as mulheres. Afinal, a encurvatura era possessão demoníaca ou se tratava de reflexo de um sistema patriarcal e machista que encurva as pessoas a ele? Pensamos que a resposta a esta questão já emerge no decorrer do exercício. No entanto, cabe lembrar que, naquela época, as doenças eram atribuídas a possessões demoníacas, nada tinham a ver com o contexto judaico

patriarcal. O que hoje sabemos é que isso não é verdade. As pessoas, principalmente as oprimidas e excluídas da elite da época, traziam as marcas da sua situação de opressão em seus corpos. São marcas físicas, psicológicas e psicossomáticas. Claro que as autoridades da época não viam por esse viés. E, neste contexto, surge Jesus que quebra com os paradigmas culturais estabelecidos por poucos e cobrados de todos.

Jesus vem e dá a esta mulher uma nova vida, restabelece sua dignidade humana, resgata a sua autoestima como pessoa. Principalmente, ele a inclui na família do povo de Deus, ao asseverar no versículo 16, em resposta aos chefes da sinagoga, que aquela mulher é filha de Abraão, considerado o pai da fé. Se ela é filha de Abraão é também herdeira da promessa da salvação dada a Abraão e ao seu povo; ela é herdeira da terra prometida.

Incluir as pessoas excluídas foi, com certeza, uma das maiores marcas da atuação de Jesus, assim como dar voz e ouvir aqueles que eram calados, visualizar os “que não apareciam”, chamar todos e todas de filhos e filhas de Deus. Comparar o Reino de Deus a pequenas coisas, como acontece logo na perícopie subsequente ao texto estudado (Em que Jesus compara o Reino de Deus a um grão de mostarda e ao fermento na massa). E é esse Reino de Deus que Jesus anunciou a todos e que nos convidou a anunciar. Então, como é que as Igrejas continuam sendo machistas e patriarcais depois dos ensinamentos de Jesus, valendo-se de ideologias e teologias questionadas e combatidas pelo próprio Salvador?

Jesus tratou e amou a todos de forma igual. Ele nunca disse que uns eram mais que os outros, ou que as mulheres deviam submissão aos homens. Então, por que seguimos mais os costumes do sistema patriarcal do que os ensinamentos de Jesus? Jesus usou o espaço da sinagoga como espaço de libertação de uma

mulher. Essa atitude de Jesus nos ensina como esse espaço sagrado pode ser espaço de libertação de muitas outras mulheres que ainda hoje andam encurvadas por serem submissas e oprimidas pelo sistema social familiar existente.

Uma observação importante é de que ainda hoje muitas pessoas lêem esse texto bíblico dando ênfase à cura do sábado, sem olhar para a mulher que também é protagonista dessa história. Muitas atitudes já estão acontecendo em prol de uma libertação de costumes e algemas históricas, porém há muito a ser feito. Que possamos, auxiliadas/os pelo Espírito de Deus, atuar sempre na sua direção, para que a Igreja de Jesus caminhe e seja cada vez mais parecida com o Reino que Ele anunciou: *Eu vim para que todos [todas] tenham vida e a tenham em abundância*. Seguir os ensinamentos do Senhor é lutar contra exclusão social, racial, de gênero, política e religiosa. É buscar já aqui viver em comunhão o grande banquete prometido a todos os filhos e todas as filhas de Deus.

2.2.3 Algumas pontes entre a hermenêutica feminista e a fala das obreiras da IECLB

Para pensar hermenêutica feminista e ordenação de mulheres é importante lembrar os escritos de Elisabeth Schüssler-Fiorenza, em especial, o livro intitulado “Discipulado de Iguais”. Ao discorrer sobre o discipulado de iguais, Schüssler-Fiorenza não pretende defender o acesso e a integralização das mulheres as estruturas patriarcais, nem está interessada em reinscrever teologicamente a identidade feminina como igualdade divina. Ela deseja articular a *ekklesia* como um discipulado de iguais, que pode tornar presente a *basiléia*, o mundo alternativo de

justiça e de bem-estar, desejado pelo vivificante poder de Deus, como realidade e visão no meio dos mortíferos poderes da opressão patriarcal e da desumanização.⁷⁴

A autora afirma que as questões em torno das mulheres no ministério da igreja não são apenas um fenômeno moderno: Paulo já falara da participação ativa das mulheres na Igreja. Além disso, através da história da Igreja, emergiram grandes e excepcionais mulheres. O calendário dos santos da Igreja dá testemunho disto: “nada de grande poderia acontecer na Igreja sem a contribuição de uma mulher”. Normalmente, o homem ficava com a liderança pública dirigida ao exterior, e a mulher tinha a atuação oculta e privada, a sua atuação era realizada sob o signo do véu.⁷⁵ Resquícios dessa cultura perpassa até os nossos dias, nos quais as mulheres ainda têm dificuldade em assumir determinados cargos eclesiásticos:

[...] causa uma tristeza muito grande, uma indignação, se a gente vê toda a questão do conselho da Igreja, quando eu vi o conselho com uma mulher e essa mulher ainda é uma suplente, gente onde nós estamos? O que significa isso? Onde estão as nossas pastoras e onde estão as nossas catequistas e diáconas, e todas as mulheres da nossa Igreja?

Quando vemos o PAMI, não tem nenhuma mulher para elaborar o PAMI como é que pode um projeto missionário da Igreja ser realizado sem essa visão feminina? Tem certas coisas que mesmo pela direção da Igreja, são muito complicadas.⁷⁶

Schüssler-Fiorenza recomenda algumas sugestões para o engajamento estratégico das mulheres ligadas ao ministério eclesial. Uma primeira sugestão para este movimento seria criar um fórum público ou uma comissão composta não só de teólogos, mas também de sociólogos, psicólogos entre outros, que pudessem investigar e debater novas formas de “ser Igreja”. Dentre os assuntos em pauta,

⁷⁴ SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. *Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 20.

⁷⁵ SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 24.

⁷⁶ Trechos (não publicados) das entrevistas cedidas para a pesquisa “Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho”, 2009.

estariam a teologia da imagem “mulher eterna”, as contribuições das mulheres na história da Igreja, as diferenças do *status* religioso entre as mulheres.

Uma segunda sugestão para esta comissão de mulheres é a de encorajar outras mulheres a lutarem por uma sólida educação e por posições de liderança na sociedade e na Igreja, rejeitando a exigência do trabalho celibatário para o ministério. Além disso, incentivar a discutir questões como o casamento e o controle de natalidade, bem como a dupla jornada de trabalho das mulheres. “A história da Igreja demonstra que as mudanças estruturais da Igreja pressupõem sempre mudanças na sociedade circundante e vice-versa”.⁷⁷

As mulheres são “igrejas” e sempre foram igrejas chamadas e eleitas por Deus. Entretanto, por muito tempo e ainda hoje, a Igreja patriarcal e a teologia androcêntrica silenciaram, marginalizaram, tornaram invisíveis as mulheres. Elas as mantiveram privadas de poderes teológicos e eclesiásticos, porque eram mulheres. No entanto, as mulheres ainda assim escutaram o chamado de Deus e transmitiram a graça e a presença de Deus. Elas viveram a igreja como comunidade de discípulos, homens e mulheres, como seres iguais.⁷⁸

Por isso, a teologia crítico-feminista da libertação procura acabar com o silenciamento patriarcal das mulheres e tomar as mulheres visíveis como agentes divinos de graça e de libertação. A participação plena da mulher não exige apenas a conversão e a transformação da Igreja patriarcal e seu ministério numa comunidade de discípulos iguais, mas também a articulação de uma nova teologia. “A luta mais

⁷⁷ SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 46.

⁷⁸ SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 292.

importante da história da Igreja é das mulheres em prol da liberdade e do pensamento, e do direito de expor esse pensamento ao mundo”.⁷⁹

Também na IECLB as mulheres sempre estiveram presentes. Muitas mulheres, antes mesmo da ordenação, fizeram parte da história da Igreja, ainda que nem sempre a história dessas mulheres estivesse nos livros e nos registros. Pensando em história, a ordenação é algo recente. Trata-se de quase 30 anos de ordenação de mulheres na IECLB. Ainda há muito assunto a ser debatido, mas, sem sombra de dúvida, precisamos ouvir o discurso destas mulheres para perceber como essa prática está acontecendo, o que realmente falta para que haja um discipulado de iguais também entre obreiros e obreiras dessa Igreja.

Creemos que a articulação entre as mulheres e uma formação contínua são pistas a serem seguidas para sanar algumas carências deste ministério. A hermenêutica feminista pode auxiliar nesse processo, fazendo algumas desconstruções, suspeitando de muitas coisas, fazendo reconstruções, resgatando histórias e construindo outras tantas, tecendo novos fios, novas possibilidades. A hermenêutica feminista pode e quer ser uma aliada das mulheres no exercício diário do ministério ordenado, sendo testemunha do evangelho, vivendo diariamente a boa nova, sem discriminação por raça, cor, idade ou identidade sexual. Afinal, em Gálatas 3.8 nos é dito “Desse modo não existe diferença entre judeus e não-judeus, entre escravos e pessoas livres, entre homens e mulheres: todos vocês são um só por estarem unidos com Cristo Jesus”.⁸⁰ Que, assim, cada pessoa possa experimentar o amor de Cristo através do exercício da sua vocação sem ser limitada pelo fato de ter nascido mulher, que o fator gênero possa sim trazer contribuições diferentes para o trabalho.

⁷⁹ SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 292.

⁸⁰ BÍBLIA Sagrada. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: SBB. 2000, p.155.

2.2.4 Hermenêutica do discurso e hermenêutica feminista: alguns encontros

A hermenêutica feminista também pode ocorrer como análise de discurso. A hermenêutica do discurso e a hermenêutica feminista também foram chamadas a entrecruzar seus saberes com as falas das obreiras, visando o enriquecimento da pesquisa e uma análise das entrevistas mais proveitosa. Depois de percorrer algumas teorias, podemos dizer que interpretar, compreender e explicar são de fato um exercício que todos nós fazemos à todo tempo.

No entanto, é importante ressaltar que, quando conhecemos determinadas teorias, quando adquirimos certa bagagem de conhecimento, apreendemos a fazer isso de uma forma mais sistematizada, mais reflexiva e mais consciente de nossas próprias limitações. Isso se deve ao fato de estarmos inseridas em um contexto que nos influencia diretamente a naturalizarmos alguns discursos e a rejeitarmos outros. Somos parte de um coletivo que determina grande parte do nosso modo de ser e até mesmo de nosso modo de interpretar. Somos nós que damos sentidos às palavras, que as tornamos verdadeiras, dependendo do contexto em que as usamos.

Ricoeur tem uma afirmação interessante a respeito da hermenêutica: “A hermenêutica começa onde o diálogo acaba”. É quando terminamos de dialogar que começamos a interpretar. No calor do diálogo, não conseguimos perceber todas as riquezas que as obreiras da IECLB nos contaram. Lendo uma, duas, três vezes as suas falas, nós começamos a interpretar e a perceber elementos riquíssimos nos discursos. Esses elementos nem sempre estavam colocados de forma clara e audível, mas eles nos eram apresentados de maneira sutil, ou mesmo através do uso de metáforas, até de maneira simbólica. Nesses discursos são encontradas verdadeiras “pérolas” que só são passivas de serem achadas quando lidas pela

perspectiva da hermenêutica feminista; isto é, nós olhamos o cotidiano, buscamos no dia-a-dia os elementos que merecem destaque, que merecem ser elucidados, trazidos à tona, sejam eles testemunhos de possibilidades encontradas por estas mulheres, sejam de limitações e de barreiras.

A hermenêutica feminista também trabalha fortemente com o elemento da suspeita. Isso é importante, pois, em alguns momentos, as mulheres são perguntadas sobre determinados assuntos dos quais se desviam de responder. Em outras palavras, elas abrem margem para suspeitarmos de que, por algum motivo, essa pergunta não quer ser respondida. Também há uma diferença grande entre as entrevistas presenciais e os questionários respondidos por e-mail, as entrevistas presenciais são mais extensas, apontam mais elementos de interesse entre uma história e outra, enquanto que o testemunho escrito é mais sucinto. As falas são mais elaboradas, as perguntas são simplesmente deixadas em branco. A escrita proporciona à entrevistada voltar atrás, rereer, apagar, refletir mais sobre o seu testemunho e até mesmo pela repercussão que este pode provocar, ao passo que a fala vai sendo tomada pela naturalidade e pela emoção.

A quebra do controle do discurso não é algo simples. Tornar o discurso das mulheres oficial, assim como o discurso dos homens, exige luta, requer a busca incessante por igualdade de direito e, de fato, solicita perseverança nos ideais. Acima de tudo, clama articulação e formação, como nos instiga Schüssler-Fiorenza. Isso porque a formação e o conhecimento sempre foram formas de poder, e esse é um viés importante pelo qual as mulheres têm buscado o reconhecimento do seu trabalho, a alta qualificação profissional.

A articulação entre as mulheres as torna mais fortes. Ela torna visível o fato de que aquelas nuances não são experimentadas apenas por uma única mulher,

mas sim de que essas experiências, muitas dolosas, se repetem. Por isto é necessário perceber a sua realidade como parte de um coletivo: para que possam juntas discutir e buscar propostas para superar as dificuldades, mas também para partilhar as possibilidades encontradas na vivência do ministério, testemunhando o fortalecimento do ministério ordenado de mulheres e de como esse trabalho pode dar certo.

É importante o momento em que o discurso para as mulheres é feito também por mulheres, nos centros de formação, nas igrejas, nas teorias. Aos poucos, esse novo discurso vai sendo legitimado, fortalecendo as lutas feministas por equiparação dos direitos e dos deveres de homens e mulheres. Que a hermenêutica do discurso e a hermenêutica feminista possam juntas auxiliar homens e mulheres a repensarem os seus discursos e as suas interpretações e que ambos possam servir ao chamado de sermos discípulos e discípulas de Cristo, testemunhando diariamente a boa nova, também através do ministério ordenado.



81

⁸¹ Disponível em: <<http://www.immanuelkirche-muenchen.de/immanuel-aktuell/ueber-den-Tellerrand.htm>>. Acesso em 08 nov. 2010.

III O COTIDIANO DO MINISTÉRIO ORDENADO: O DISCURSO E AS PRÁTICAS

*O ministério pastoral
e as mulheres da Bíblia⁸²*

*Quando nasce uma pastora
Muita coisa se gestou
Com sacrifício e luta
Muita coisa se passou
Foi preciso persistência
Pra chegar onde chegou.*

*O espírito de luta
Nós forjamos é da Bíblia
A partir da experiência
De Deus com filhos e filhas
Por exemplo, na vivência
Da profetiza Miriam.*

*Com astúcia e inteligência
Salva a vida de um menino
Que depois sempre a seu lado
Faz com o povo seu destino
E por fim com a vitória
Dança e canta ao Ser Divino.
Com coragem e liderança
É que Débora atua
Desafiando os poderosos
Com Deus ela compactua
Gestando organização
Põe seu exército na rua.*

*E Raquel que é pastora
Pastoreando no deserto
Apascentando o rebanho*

⁸² CHRISTMANN, Louraini. *Celebrando em Poesia*. São Leopoldo: Editora Oikos. 2008. p. 32

*Sem nem água ter por perto
Pra abrir um poço se une
Com os companheiros, e dá certo.*

*E Agar que é escrava
Explorada por sua dona
E por seu dono, que a usa
E depois a abandona
Fica firme, vai em frente
A esperança não destrona.*

*A atitude de Raabe
É mais um exemplo bom
Pois abriga em sua casa
Do povo de Deus o espião
Viabilizando a promessa
Da terra, a ocupação.*

*E a esperança toda de Ana
Que contra toda esperança
Aposta no seu grande sonho
Sonho que em Deus alcança
E com muita fé e alegria
Pôde ter sua criança.*

*O exemplo de Noemi e Rute
Também nos é perfeito
De como unidas podemos
Conquistar nosso direito
Tudo de acordo com a história*

*Tudo conforme nosso jeito.
E a mulherada toda
Que a Jesus tanto buscava?
Que até mesmo contra a lei
Jesus sempre escutava?
Tinham nele o compromisso
Do qual sempre precisavam.*

*A mulher samaritana
Tem disponibilidade
Soube ver em Jesus
O mestre da liberdade
E assume ser missionária
Pioneira em sua cidade.*

*Maria de Betânia é que entende
O Evangelho por completo
Pois unge seu rei para a morte
De um jeito bem correto*

*Misturando à tradição
Muito carinho e afeto.*

*Com aquela mulher sem nome
Jesus infringe uma regra
A desigualdade entre sexos
Com uma palavra ele quebra
Quem não tiver um pecado
Atire a primeira pedra.*

*E aquela experiência
Entre Maria e Isabel
Que sabem se comunicar
Num relacionamento fiel
E mutuamente se buscam
Pra desempenhar seu papel.*

*De Maria nasce Jesus
De Isabel nasce João
E de tantas outras mulheres
Renasce a revolução
Revolucionando o mundo
E também o coração.*

*De nós também nasce mudança
Nossa missão é igual
Temos muito a transformar
Neste mundo desigual
Pra isso Deus nos capacita
No ministério pastoral.*

A relação entre as mulheres na Bíblia e as mulheres no ministério pastoral na poesia da pastora Lola serve de inspiração para trabalharmos a questão do cotidiano no ministério ordenado, seja ele pastoral, diaconal, catequético ou missionário. A poesia nos faz lembrar as mulheres que, no seu cotidiano, romperam barreiras e ousaram experimentar o que lhes era limitado. Elas puderam experimentar a relação com o sagrado, o amor de Deus, e vivenciá-los, sendo elas mulheres profetizas, testemunhas do evangelho, anunciando a Boa Nova e denunciando as injustiças.

Cada vez mais, as mulheres são capacitadas por Deus a transformar as desigualdades existentes em seu meio. O ministério ordenado é um caminho que muitas mulheres optam em seguir para realizar a sua tarefa como testemunhas do evangelho, missão realizada no cotidiano, através das ações mais simples e corriqueiras.

3.1 As mulheres no exercício cotidiano do ministério

O cotidiano das práticas pastorais das mulheres pode parecer ser sem grande importância, algo corriqueiro. No entanto, percebemos que é na vivência diária que cada mulher exerce e vive o seu ministério. É o dia-a-dia que traz ricas experiências, algumas lindíssimas e cheias de oportunidades, outras carregadas de dor, mas também de esperança. Para as feministas, a pergunta pelo cotidiano é fundamental, pois é a partir dele que pensamos e fazemos teologia. É o universo do cotidiano que nos traz revelações incríveis. É nesse espaço onde as “pequenas grandes” transformações acontecem. Gebara afirma que,

Quando se fala em epistemologia, há como que um desprezo inconsciente do conhecimento básico de nosso corpo e de seus movimentos cotidianos, há como um distanciamento das coisas que fazem parte de nossa vida diária, como cuidar de si e de seus próximos, o cuidado da casa e do jardim, o cuidado da rua, as formas como agimos nas diferentes profissões manuais, os gestos que automatizamos nas diferentes circunstâncias de nosso cotidiano, nossas atrações e repulsões físicas impensadas e muitas outras coisas. É justamente desta cotidianidade epistemológica não reconhecida pela ciência epistemológica dos doutos que gostaria de partir. É a partir dos lugares não reconhecidos como lugares de produção de saber que é preciso debruçar-se para resgatar aquilo que temos de mais espontâneo e de mais originariamente nosso.⁸³

⁸³ GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas conseqüências. In: NEUENFELDT, Elaine, BERGESCH, Karen, PARLOW, Mara. (Org.). *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 31.

Maria Pilar de Aquino afirma que “a teologia que as mulheres elaboram entende que na vida cotidiana desenvolve-se a existência real de toda pessoa e que este é o terreno em que se concretizam as transformações globais”.⁸⁴ Uma vez que se elabora teologia a partir de fatos reais do dia-a-dia, as respostas e a ação também estão voltadas as necessidades reais das pessoas. Talvez, seja por isso que a ação das obreiras se aproxima com maior facilidade da comunidade, como podemos perceber com a seguinte fala: “Quando uma mulher assume o ministério se torna mais pessoal, somos bem relacionais. A mulher tem mais disso de ser relacional, mais chegada [...]”.⁸⁵ Ao falar sobre a relação entre teologia, mulher e poder, Wanda Deifelt assevera que

A religião não subsistiria sem as mulheres, que passam seu conhecimento religioso de uma geração à outra. A falta de familiaridade é justamente no universo teórico. [...] enquanto são o grande contingente das igrejas, elas não são necessariamente, parte do grupo pensante, aquele que reflete, sistematiza, teoriza e planeja. A maioria das mulheres restringe o seu papel, as suas palavras, a sua reflexão teológica ao universo doméstico, familiar. [...] são as mulheres que contam as histórias do povo de Deus de outras épocas, que ensinam as primeiras orações[...].⁸⁶

Historicamente, as mulheres fizeram teologia no seu cotidiano. Ainda que tivessem seu espaço reduzido ao mundo doméstico, ali elas vivenciavam suas experiências com o sagrado e as transmitiam adiante. Por isso, ainda que em sua maioria as mulheres façam teologia apenas no âmbito privado, a teologia elaborada pelas mulheres parte da experiência. É também a partir da experiência das mulheres que a teologia feminista faz o seu labor teológico, como a autora afirma:

⁸⁴ AQUINO, Maria Pilar. *A teologia, a igreja e a mulher na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 21.

⁸⁵ Trechos (não publicados) das entrevistas cedidas para a pesquisa “*Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho*”, 2009.

⁸⁶ DEIFELT, Wanda. Palavras e Outras Palavras: as Mulheres e o Poder. *Estudos Teológicos*, ano 36, n. 1, 1996, p. 13.

As experiências de fé também precisam ter seu lugar dentro das histórias de vida das mulheres, de modo que elas possam refletir autonomamente sobre elas. A história de vida das mulheres também é uma história de fé.

Dentro da teologia feminista, tem-se usado uma técnica muito interessante nesse processo de conscientização das mulheres: são as histórias de vida das mulheres. As histórias de vida dão às mulheres a possibilidade de falarem sobre sua realidade, de compartilharem suas experiências, usando, por exemplo, um texto bíblico como base para a reflexão. O ponto central é que as próprias mulheres possam assumir-se enquanto sujeitos ativos e pensantes, e que fazem uso da palavra para refletir sobre a sua própria vida. O texto bíblico oferece um ou mais temas geradores que propiciam a troca de experiência e de reflexão. As histórias da bíblia tornaram-se até paralelos com as próprias histórias da atualidade.⁸⁷

Em outras palavras, a reflexão teológica se aproxima da vida real de todas as pessoas. Não são assuntos distantes ou grandes tratados que despertam o interesse das mulheres na teologia. Ao menos, grande parte opta por tratar as questões práticas do cotidiano. Essas questões dizem respeito a problemas existências de homens e de mulheres, falam de dor e de sofrimento, mas também de alegria e de esperança. As mulheres que fazem teologia além do universo doméstico saem ao espaço público. Lá encontram inúmeros desafios. É preciso conquistar um espaço que ainda não lhes é dado como próprio. Ao falar sobre a presença de mulheres no ministério público, Melanie May diz que

A presença de mulheres [...] como corpos de mulheres - em lugares públicos de liderança religiosa significa rejeitar a difamação de nossos corpos e de nossa sexualidade promovida durante séculos por parte do ensino eclesiástico. [...] é também uma corajosa afirmação de uma nova realidade: o caráter humano integral para mulheres e homens, na mente e no corpo...⁸⁸

Analisando a afirmação de Melanie May, percebemos que podemos de fato acreditar que a presença de mulheres nos centros de formação eclesiais faz diferença, assim como de mulheres atuantes no ministério ordenado. As mulheres

⁸⁷ DEIFELT, 1996, p. 15.

⁸⁸ MAY, Melaine A. Práticas de Transformação. *Concilium*. A não ordenação da mulher e a política do poder. v. 281, n. 3, 1999, p. 114.

fazem teologia, não só da mesma forma com que os homens a fazem, mas também levantando questões que, muitas vezes, passam despercebidas pelo mundo masculino e que integram, no entanto, a realidade de todas as pessoas. Incluir mulheres não significa somente aumentar o número de pessoas. Presença tem a ver com corpo e experiência. A presença de mulheres implica ter em conta outras experiências corporais, outras realidades de vida. É no cotidiano que encontramos verdadeiras relíquias no labor destas mulheres. Como afirma Ivone Gebara, “uma das riquezas do movimento de mulheres na América Latina é provocar a narração de cada história de mulher, de sua trajetória, de suas vitórias e sofrimentos”.⁸⁹ Teologia se faz a partir das experiências e das corporeidades, por isso, ter mulheres nos espaços de discussão teológica implicará na mudança desta espacialidade. Especialmente, resultará na mudança de reflexões e de produções teológicas destes espaços. Alguns relatos apontam para o impacto do fazer teológico das mulheres na comunidade.

A leitura da Bíblia na ótica das mulheres tem ajudado muito. Mas não é a maioria dos membros que participam ativamente e estudam a Palavra. Normalmente as pregações mais feministas causam admiração e ira ao mesmo tempo. Ninguém quer ter o seu poder e privilégios questionados. O que ouço muitas vezes são colocações positivas ressaltando a coragem das mulheres em tematizar assuntos que foram historicamente deixados em segundo plano.⁹⁰

A ênfase colocada na comunidade e no fazer teológico do cotidiano é que queremos observar. Necessitamos olhar com mais atenção o dia-a-dia das obreiras para podermos perceber quais são as questões práticas que elas têm encontrado dificuldades, quais são os grandes desafios, mas também quais são os testemunhos que elas estão dando; quais são as possibilidades que elas têm encontrado. Essas e

⁸⁹ GEBARA, Ivone. *Levanta-te e anda: Alguns aspectos da caminhada da mulher na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 9.

⁹⁰ Trechos (não publicados) das entrevistas cedidas para a pesquisa “*Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho*”, 2009.

outras perguntas só podem ser respondidas com uma análise crítica da observação do cotidiano.

A presença de mulheres no ministério ordenado traz as suas implicações, diferenças e contribuições. Buscaremos apontar alguns dos desafios e das possibilidades que o cotidiano oferece às mulheres no exercício prático dos seus ministérios, as implicações, o enfrentamento da violência contra a mulher, a posição de liderança, os desafios e ainda o testemunho.

3.1.1 As implicações do exercício de mulheres

A presença das mulheres no exercício do ministério traz necessariamente algum impacto. Afinal, se não faz nenhuma diferença termos mulheres ordenadas na Igreja, não faz sentido a sua presença. Perguntas como “o que muda quando uma mulher assume a liderança?”; “Por que experimentamos a liderança de uma obreira?” são fundamentais para que este ministério não seja vivenciado sem uma reflexão crítica. Afinal, exercer este ministério como qualquer outro homem faria não é o mais interessante.

A pergunta pela diferença é significativa, pois as mulheres citam principalmente as “características femininas”, como o fato de serem mais conciliadoras, pacientes, observadoras, como características contribuintes para o trabalho diferenciado das mulheres. Se essas características “femininas” são naturais das mulheres ou culturalmente construídas é uma discussão feminista intensa. Culturalmente construída ou natural das mulheres, o fato é que, várias vezes, a relação próxima que se cria na comunidade é citada, quando uma mulher a

assume. No entanto, essa não é a única diferença. Quando uma mulher inicia seu ministério ordenado, ela precisa optar pelo modelo que quer seguir. Algumas optam por seguir o modelo masculino de liderança, mas a grande maioria busca um modelo alternativo de exercer a liderança em comunidade, como percebemos na fala a seguir:

Comunidades até mais fechadas estão observando e tão descobrindo esse jeito de ser diferente, porque os homens eles geralmente tem o mesmo modelo de trabalho, até porque tem onde se inspirar porque sempre foram homens, pastores, a mulher eu vejo que ela teve que descobrir um jeito dela ser pastora porque ela não teve onde se inspirar, numa outra pastora, então a gente vai descobrindo um jeito diferente, um jeito com mais sensibilidade, o jeito próprio de mulher, e a comunidade tem percebido e tem gostado disso, ainda há desafios, principalmente a gente conseguir acabar com essas nuances.⁹¹

As mulheres precisam descobrir um jeito próprio de exercer o seu ministério, enquanto que os homens já possuem o modelo normativo masculino. Este está ali, dado, restando assumir o seu papel, enquanto que cada mulher que chega a um novo espaço de trabalho precisa primeiramente mostrar o quanto é capaz, para então conquistar credibilidade e construir o seu próprio modelo. É necessário mostrar serviço para ganhar créditos, o que podemos perceber nesta fala:

Eu ouvi num sepultamento, no final do sepultamento, veio uma pessoa conversar comigo e ela disse pastora eu preciso confessar uma coisa para a senhora, quando eu cheguei e via senhora eu pensei hum o que vai sair dali, aquela guriazinha, mas acho que as coisas boas têm que ser compartilhadas e talvez eu não tenha participando de uma encomendação tão bonita quanto essa, mas esse é o julgamento pelas aparências, é uma mulher e é uma guriazinha, como dizem, então primeiro tu precisas falar, fazer alguma coisa pra que as pessoas possam te dar uma carta de crédito, acho que esse é o desafio...⁹²

Esse jeito próprio das mulheres exercerem o seu ministério está imbuído de criatividade. É poder partilhado, agregado, que, acima de tudo, valoriza as experiências de cada pessoa, sendo tudo feito com cuidado e com dedicação sob

⁹¹ Trechos (não publicados) das entrevistas cedidas para a pesquisa *“Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho”*, 2009.

⁹² Trechos (não publicados) das entrevistas cedidas para a pesquisa *“Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho”*, 2009.

alguns olhares curiosos e outros duvidosos de pessoas que esperam ver o resultado deste trabalho. As mulheres, entre outras, trabalham temas que normalmente não eram trabalhados pelos homens como o enfrentamento da violência doméstica. Entendemos “violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral”.⁹³ Somente a violência moral e a psíquica não são palpáveis. No entanto, são tão graves quanto às outras formas de violência. A vítima pode enlouquecer devido à tortura. Ela se torna palpável também através do cárcere privado.

O sexismo não é só uma ideologia, ele reflete também uma estrutura de poder, cuja distribuição é muito desigual em relação às mulheres. No entanto, o sexismo prejudica homens, mulheres e suas relações. É claro que as mulheres sofrem de forma explícita, pois elas são “amputadas” no desenvolvimento e no uso da razão, também no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, apaziguadores, enquanto os homens são estimulados a desenvolver condutas agressivas, que revelem força e coragem.

O desemprego é um fator agravante na situação da violência sexista, já que ele atinge em grande número aos homens, e a estes sempre coube providenciar as necessidades da família. O fato de estar desempregado e não poder cumprir o seu papel causa uma grande sensação de impotência, o que é um gerador de violência. Essa situação pode-se agravar ainda mais, quando, por causa dessa crise, também aparece a impotência sexual. A sociedade considera normal e natural que os homens maltratem suas mulheres, assim como que os pais e mães maltratem seus filhos e suas filhas, reforçando a pedagogia da violência, como corretivo, como método pedagógico.

⁹³ SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo, Editora fundação Perseu Abramo, 2004. p.17.

O processo de mudança de pensamento, do caminhar para a democracia plena é lento e gradual, com muito trabalho desenvolvido também pelas feministas “que são seres humanos sem consciência dominada, lutam sem cessar pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, brancos e negros, ricos e pobres”.⁹⁴ Nesse processo, a Igreja tem papel fundamental, tanto na prevenção, através de debates, quanto na superação da violência, acolhendo as mulheres em situação de violência, incorporando-se na rede de superação a violência. Trata-se de um elo importante que as mulheres necessitam para superar a violência.

As obreiras têm feito diferença nesse sentido, pois trabalham com as necessidades reais das mulheres, sem medo de revelar a violência intramuros. Isso pode não dar *status*, mas faz diferença na vida de cada mulher que recebe suporte da Igreja, através de outra mulher. As obreiras põem em prática a missão que é de todas as Igrejas: assumir a tarefa de testemunhar a palavra de Deus, o que inclui ser voz profética. Apesar de sofrerem as influências culturais e sociais do contexto em que estão inseridas, as Igrejas têm a obrigação de realizar a autocrítica e de superar o silêncio, rompendo com os anos de história em que legitimaram a discriminação e a violência de gênero.

A Bíblia pode ajudar a transformar a postura da Igreja em relação às mulheres, através do resgate dos textos que narram histórias de pessoas ou grupos que contestaram as leis e os costumes que segregavam as mulheres. As Igrejas tem a tarefa de dizer não à violência e caminhar junto com as mulheres em situação de violência, buscando encontrar alternativas para a superação da violência e resgatando os direitos humanos das mulheres.

⁹⁴ SAFFIOTI, 2004, p. 94.

3.1.2 As posições de liderança

A mulher vem conquistando cada vez mais espaço na sociedade e na Igreja, mas ainda há muita resistência em conseguir alcançar esferas mais altas de poder decisório, como aborda Rita Marta Panke, ao falar de mulher e de Igreja: “de modo geral a mulher figura como ser secundário. Geralmente são eleitos homens para os cargos importantes. Homens e mulheres ainda desconfiam das múltiplas capacidades da mulher”.⁹⁵ E essas estruturas acabam por se reproduzir também nas Igrejas, ainda que nem sempre de forma consciente. É preciso dar-se conta da estrutura em que se está inserido, da dinâmica que a rege, e engajar-se, em prol da promoção do Evangelho, homens e mulheres, onde algumas rupturas nas estruturas se fazem necessárias. No que tange a estruturas hierárquicas, podemos fazer uso da afirmação de Aquino sobre a importância das mulheres enquanto povo de Deus:

Na vivência igualitária das comunidades cristãs [...], mulheres e homens têm iguais possibilidades de acender as posições de poder, autoridade e direção [...], pois todos os membros da comunidade eram povos de Deus que tinham recebido o poder e o dom do espírito Santo para construção da comunidade.⁹⁶

Esse é um ponto extremamente sensível, pois, ao mesmo tempo em que percebemos a necessidade do empoderamento das mulheres, em que a conquista por espaços são necessárias, para que as mulheres possam assumir esses cargos, a estrutura precisa colaborar, e, muitas vezes, acaba sendo impossibilitada. Embora as mulheres tenham saído de casa para trabalhar, a maioria ainda carrega sobre seus ombros a responsabilidade sobre a casa e os filhos. Logo ter disponibilidade

⁹⁵ PANKE, Rita Marta. A mulher e Igreja. In: BAESKE, Sibyla (Org.). *Mulheres desafiam as Igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 50.

⁹⁶ AQUINO, 1997, p. 103.

para ficar fora de casa por muito tempo é preponderância masculina. Percebemos estas questões com facilidade na próxima fala:

Para assumir liderança na instituição é preciso abrir mão das atividades domésticas, que ainda não são totalmente compartilhadas. A maternidade impede, o casamento também. Os homens não estão tão dispostos a suportar as viagens e ausência das mulheres, assim como elas suportam enquanto eles exercem cargos de liderança. Também não estão prontos a assumir as despesas feitas por elas para sua formação, ou contribuição a causa que assumem. Em muitos casos, o dinheiro ainda é dele, o carro é dele e a prioridade é ele. Está difícil conciliar casamento, casa, trabalho e cargos eletivos.⁹⁷

Encontrar um 'jeito' diferente de exercer liderança, sem imitar o modelo masculino, sem cometer o mesmo autoritarismo, sem repetir o mesmo exclusivismo, eis o grande desafio de encontrar, como apareceu nas falas, um modo feminino de exercer liderança. A ausência de mulheres em cargos da estrutura edesiástica implica diretamente na política ministerial. Ocupar espaço pode implicar na inclusão das questões das mulheres na pauta da discussão, desde que a mulher que ocupe este espaço esteja engajada na militância pelos direitos da mulher e na discussão de questões relacionadas a elas.

Isso porque se quem ocupa esse espaço for uma mulher que não pensa no coletivo feminino a situação tende a continuar a mesma, ocorrendo simplesmente um preenchimento de cotas, sem nenhuma mudança significativa para as mulheres. Somente a presença de mulheres engajadas na causa das mulheres pode alcançar conquistas para outras mulheres. E essa presença de mulheres em instâncias eclesiásticas vem sendo conquistada a passos mais lentos do que em outros espaços, não tão decisórios assim. São desafios que tendem a ser superados com o tempo, desde que com persistência e luta.

⁹⁷ Trechos das entrevistas cedidas para a pesquisa "*Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho*", 2009. (Relatório p.23)

[...] não adianta uma mulher, pelo simples fato de ser mulher, ocupar cargos de liderança se ela mesma não o fizer com a consciência de que o modelo conhecido não precisa ser necessariamente seguido, mas que outras possibilidades existem. E quando uma mulher consciente dessas outras possibilidades está à frente de qualquer tipo de grupo, contribui para a promoção de um novo olhar e a visão desde e para outras perspectivas.⁹⁸

O testemunho que as mulheres têm dado é espetacular, carregado de emoção, alguns culminando com o reconhecimento, outros ainda permeados de dor e tristeza. Cada um é único, apesar de se assemelharem muito em alguns aspectos. As mulheres vêm mostrando que o trabalho feminino é efetivo. Elas são capazes. Apenas carecem de oportunidade, de um voto de confiança. As mulheres continuam buscando formação e dedicando-se integralmente ao trabalho. Por onde passam, as mulheres dão testemunho da sua ação em prol do evangelho às mulheres que não atuam com vínculo empregatício na comunidade e exercem um trabalho secular. Estas levam este testemunho adiante e fazem isso não só com palavras, mas também e, principalmente, através das suas ações, o serviço ao reino de Deus.

No trabalho diário, as mulheres lutam contra tudo aquilo que vai contra o reino de Deus e buscam auxiliar outras mulheres e também homens a conviverem com mais dignidade, vivenciando o amor de Deus nas pequenas ações do cotidiano. Elas ajudam essas pessoas a serem mais conscientes da realidade na qual estão inseridos e do que pode ser transformado para melhor a partir do amor e do evangelho. Ao falar em ministério de mulheres Elisabeth Schüssler-Fiorenza diz que

Na medida em que a linguagem religiosa e os sistemas simbólicos funcionam para legitimar a opressão social e a marginalidade cultural da mulher, a luta contra o silenciamento eclesial e a invisibilidade eclesial está no âmago da luta das mulheres por justiça, libertação e vida plena.⁹⁹

⁹⁸ Trechos das entrevistas cedidas para a pesquisa *“Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho”*, 2009. (Relatório p.21)

⁹⁹ SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 291.

A teologia feminista não só reflete sobre esta luta, mas quer investigar se a religião e a Igreja podem fornecer recursos e ideias nesta luta, a fim de dar a esperança que vive dentro e no meio de nós. A teologia feminista procura explicitar que a presença e a revelação divina encontram-se no povo de Deus que também é constituído de mulheres. A luta pelo reconhecimento e pela valorização do seu ministério é uma luta árdua, diária, que as obreiras vêm vivenciando, muitas vezes, em silêncio, pensando serem elas as únicas a experimentar tal situação. Ou elas acabam por acreditar que isso é sem importância, afinal, já conseguiram a ordenação e estão a trabalhar por uma causa maior, em prol do Reino de Deus. E toda a questão da luta e do reconhecimento acaba por passar despercebida. Assim é importante percebermos como as obreiras estão vivenciando o ministério ordenado, as barreiras que lhes são colocadas todos os dias para dificultar este exercício e as consequências que isto pode trazer.

3.1.3 O Corriqueiro... Será?

Algumas questões que aparecem no dia-a-dia das obreiras merecem destaque

Ouço as colocações das colegas que atuam sozinhas nas paróquias e percebo que há diferenças, quando atuamos ao lado dos maridos que são pastores também. Ainda há uma tendência muito forte das comunidades irem direto ao homem quando se trata de representar a comunidade em atividades públicas e em assuntos que demandam autoridade e tomada de decisões. Para a pastora vêm as demandas de relações pessoais, de formação, de trabalho naquilo que é universo feminino (OASE, Culto Inf., Ensino Confirmatório, etc...). É preciso muito diálogo com os colegas e maridos para não cair nestas pegadinhas da comunidade e dos presbitérios.¹⁰⁰

¹⁰⁰ Trechos (não publicados) das entrevistas cedidas para a pesquisa *“Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho”*, 2009.

É preciso tomar cuidado para que as divisões das tarefas, quando se trabalha com outro obreiro, não se dê pelas chamadas “características femininas”, como nos citou anteriormente a obreira. Nessas circunstâncias, as mulheres tendem a ficar com o trabalho de grupo de mulheres e de crianças e jovens, cargo este que até pouco tempo era exercido pelas esposas de pastores, sem nenhuma remuneração. Há anos atrás, contratar um pastor era, automaticamente, ter também a sua esposa trabalhando em prol da comunidade, geralmente, com exclusividade. No entanto, hoje, como muitas obreiras são esposas de pastor e também receberam a mesma formação, elas querem partilhar o serviço e também as gratificações, nada mais justo.

Outras mulheres de obreiros, que não tiveram a formação teológica, buscam a realização profissional em outros ramos, mas não tem mais a mesma “vocação” de ser exclusivamente “Frau Pfarrer”, como eram chamadas as esposas de pastor. No entanto, parece que algumas comunidades ainda não conseguiram acompanhar essa evolução das mulheres, do mercado de trabalho e do reconhecimento do trabalho feminino. Dizemos isso, pois, foi com muito espanto que lemos a seguinte vaga publicada no site da IECLB. A vaga era ao ministério pastoral, e as expectativas/prioridades era que a pessoa tivesse e o perfil profissional estava assim descrito

Habilidade para trabalhar com os diversos grupos existentes como: juventude, culto infantil, estudos bíblicos, OASE, grupos de canto; ênfase na visitação; continuação na formação da Comunidade Missionária de [...] obs.: esposa Catequista ou Diácona, com conhecimento em música para o trabalho com os grupos de canto existentes.¹⁰¹

¹⁰¹ IECLB. Relação de vagas da IECLB. Disponível em <<http://www.luteranos.com.br/categories/Servi%E7os--%252d-IECLB/Pessoal/Vagas>>. Acesso em 27 de maio de 2010.

Após o primeiro momento de espanto, começamos a analisar o que leva uma comunidade, nos dias atuais, a querer contratar um pastor, casado com uma obreira. Além de querer que os serviços dessa mulher sejam voluntários, ainda existem uma série de requisitos, como o ministério específico de formação teológica e o conhecimento em música. Somente a publicação dessa vaga, da forma como se deu, impede a candidatura de várias pessoas. Não podem candidatar-se obreiros solteiros, nem obreiros casados com pastoras ou missionárias, ou ainda, o anúncio inibe obreiros que tenham esposas com outras profissões, mencionando ainda que se espera que a esposa venha junto. Não estão contando com a possibilidade de analisar um currículo vindo de uma mulher.

Essa publicação causa estranhamento, uma vez que nada impedia esta comunidade de solicitar candidaturas em tempo parcial, reconhecendo que ambos os trabalhos de homens e de mulheres, independentemente do ministério, merecem o mesmo reconhecimento e a mesma valorização pelo trabalho que desempenham na comunidade. Ambos estão preparados e capacitados para isso.

Enquanto houver esse tipo de colocação, e de expectativa do trabalho ministerial, é porque ainda está longe de findar a discussão sobre o ministério ordenado de mulheres; é porque temos muito que discutir e conquistar a respeito da valorização e do reconhecimento do trabalho de mulheres na igreja. Algumas obreiras, ainda que consigam seu espaço de trabalho e reconhecimento salarial, têm dificuldades em terem as suas ideias aceitas e acabam utilizando a voz de um homem para que tenham suas colocações aceitas.

Ainda uso a artimanha de colocar idéias minhas na boca dos homens, pois aí são ouvidas. Há uma necessidade da presença masculina para crianças e adolescentes, devido a ausência paterna nas famílias. Isto é preciso ter claro na comunidade. Por isto, a figura masculina no ensino e no afeto das

crianças e jovens é muito importante. O que ainda é um caminho longo a percorrer.¹⁰²

Colocar suas ideias na boca de um homem para ser ouvida, para uma mulher pode ser uma artimanha, mas, para nós, soa como uma grande afronta. Não ser ouvida ou levada a sério por ser uma mulher parece ser algo sem importância, mas, na verdade, é uma violência simbólica muito forte, que, aos poucos, desestimula as mulheres a expor a sua própria opinião. Este discurso mostra que os homens continuam sendo o espelho para as mulheres, mas elas somente podem ver o que lhes é permitido ver e reproduzir o que não ameaça a estabilidade masculina normativa.

Ainda sinto que as mulheres presentes nos presbitérios ouvem mais o pastor do que a pastora. Apesar de procurarem exercer as suas funções com mais democracia e participação, ainda sofrem muito a influência e o domínio masculino. Parece que elas precisam constantemente do aval e da sustentação dos homens. O medo de errar ainda é grande. Apesar da conversa com a pastora ser mais franca e sincera, ainda parece que a última palavra é dos homens.¹⁰³

Por muito tempo, as mulheres estiveram submissas aos homens, primeiramente, ao jugo do pai e depois do marido. Embora não vivamos mais neste sistema patriarcal, resquícios dele são identificados com facilidade em nossa sociedade. Acreditamos que é daí que vem essa necessidade que muitas mulheres sentem de ter a última palavra masculina, embora a conversa com a obreira consiga ser muito mais próxima. É preciso trabalhar muito ainda a autoafirmação com as mulheres, desenvolver nelas a autoconfiança, a independência, a autonomia de

¹⁰² Trechos das entrevistas cedidas para a pesquisa *“Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho”*, 2009.

¹⁰³ Trechos (não publicados) das entrevistas cedidas para a pesquisa *“Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho”*, 2009.

pensamento e de atitude e, desse modo, além de estarem dando mais credibilidade às obreiras, também irão empoderar suas próprias vidas.

3.1.4 Um olhar atento ao cotidiano

Poderíamos afirmar que é no cotidiano que as obreiras encontram a vivência do ministério a que foram chamadas. É no exercício diário que realizam a sua vocação, muitas vezes, tolhidas, tímidas, porque também vivenciam experiências de sexismo, de discriminação de gênero e até violência simbólica. No entanto, essas “nuances”, essas discriminações são apresentadas de forma sutil, muitas vezes, em forma de brincadeiras, ou simplesmente não são ditas. Elas acontecem de diversas maneiras. Somente através desse olhar para o cotidiano, algo que as feministas têm feito bastante, por causa das revelações que este traz, é que podemos perceber como de fato as mulheres têm vivenciado a sua prática ministerial. Esses desafios encontrados diariamente dificilmente são trazidos para a discussão, pois, para muitas pessoas, as mulheres assumiram um papel que não lhes pertencia e, por isso, precisam arcar com as consequências.

As mulheres vão aprendendo a silenciar as suas dificuldades por entenderem que elas são únicas e, mesmo, que são coisas sem importância. Somente a articulação entre as obreiras pode mostrar que, apesar de cada experiência ser única, muitas situações de discriminação se repetem em diferentes lugares. Apesar de serem apenas nuances, essas situações precisam ser postas em discussão, para que possamos perceber que nem todas as conquistas estão dadas e que ainda há muito a ser conquistado para um exercício do discipulado de iguais também no ministério ordenado.

A ausência de mulheres em cargos de liderança na estrutura eclesial também significou uma estrutura não preparada para as mulheres, como a questão da licença maternidade, entre outras políticas ministeriais que são de interesse das mulheres e que dificilmente seriam uma bandeira levantada por um homem. Claro que é preciso considerar fatos que nem sempre entram para os livros. Na década de 80 em especial, havia casais de pastores e pastores em constante discussão com a direção da IECLB pelos direitos das pastoras. Anelise Lenger e Vilmar Abentrodts se destacaram nesta luta. Fato que merece aprofundamento e pesquisa.

Aos poucos, cargos de representatividade vão sendo ocupados por mulheres. Esperamos que a conquista desses espaços represente lugar de conquistas para as mulheres, que elas possam ocupar cargos de liderança e encontrar uma forma de exercer de fato o que lhe é esperado de um modo único, singular. Esse espaço deve ser de reflexão sobre e para outras mulheres, sem simplesmente reproduzir o mesmo sistema patriarcal e androcêntrico.

As mulheres, através da cultura, aprenderam a trabalhar sem fazer barulho, sem ser destaque. Elas aprenderam a ocupar um lugar secundário. Como assevera Schüssler-Fiorenza, quebrar esses paradigmas não é nada fácil, resquícios disso é que as mulheres se sentem inibidas a mostrar o seu trabalho, a tornar público as suas iniciativas, a mostrar o trabalho no qual elas são protagonistas.

Dar testemunho do trabalho maravilhoso que fazem com as comunidades não é muito comum. As mulheres precisam vencer alguns obstáculos para dar testemunho da sua história e da sua experiência. Muitas ainda precisam se apoderar da importância da sua prática, perceber que, no seu cotidiano, existe um trabalho que é digno de reconhecimento, um serviço que só deve ser submisso ao evangelho. É somente ao evangelho e as suas implicações que devemos nos

submeter. Com toda a certeza, não quer ninguém trabalhando a não ser em condições de igualdade, sem ser através do discipulado de iguais. Humildade não é sinônimo de humilhação.

O ministério ordenado está a serviço do povo de Deus com humildade, sem escala de importância entre homens e mulheres ou entre ministérios. Ambos buscam servir com seus dons e suas habilidades. É importante para nós seres humanos, termos o reconhecimento como tal. Além dessa igualdade documental, aspiramos a sua vivência no nosso cotidiano. Esperamos que a prática do Evangelho, no qual somos um em Cristo, seja experimentada pelo ministério ordenado, pelos homens e pelas mulheres nas atividades mais simples e corriqueiras do dia-a-dia, e que a luz de Cristo brilhe para todas e todos nós.

3.2 Eis que surgem os desafios para a continuidade...

Rever o passado, olhar atentamente ao presente e logo se percebe os desafios que surgem, para se pensar e preparar o futuro. Não é diferente com o ministério ordenado e as mulheres. Existe um histórico cheio de ricas experiências, umas muito boas, outras nem tanto. Existe um presente cheio de possibilidades, mas também obstáculos. Quais seriam as principais barreiras encontradas no ministério ordenado, que carecem de atenção e estudo? Nós optamos em destacar duas, por considerarmos que destas muitas outras questões se derivam. Optamos que uma possível pauta para discussão possa ser a questão do poder e da articulação. Essas questões tiveram destaque nas falas das mulheres.

3.2.1 Pauta para a Discussão: Repensar o Poder e a Articulação

Acreditamos ser pauta para muitas discussões o repensar o poder e a articulação. Repensar o poder é imprescindível, pois existe a impressão de que as mulheres ocuparam os cargos de liderança nas comunidades, mas não se apoderaram deles. Elas não se empoderaram até mesmo por não quererem o mesmo poder exercido pelos homens. Assim elas acabam negando toda forma de poder, ou mesmo, não sabendo como lidar com o poder que um cargo de liderança exige. A articulação, como já vimos, é uma necessidade que urge. Foi através desta que as mulheres chegaram às inúmeras conquistas já feitas. Também é a falta de articulação que pode levar algo a ruína, a falta de articulação só é benéfica a quem tem interesses contrários ao grupo. A articulação traz o empoderamento às mulheres. Ela as fortalece e capacita para continuar, para buscar novas conquistas, auxilia na resolução de conflitos, acalenta a mente e o coração.

3.2.1.1 Relações de gênero e poder

Sabemos que as mulheres, em sua maioria, não foram educadas para lidar com o poder e as decisões, por isso, muitas delas encontram dificuldades de falar e se relacionar com as diversas formas de poder, por acreditarem que todo mal emana do poder. Hermann Brandt diz que “O cerne do mal não reside no poder em si, mas na maneira como os poderosos encaram e exercem o seu poder”¹⁰⁴. É a partir disso que iniciamos a falar sobre as relações de gênero e poder. Falar da relação de gênero e de poder exige também tratar da problemática que envolve o tema “poder”. Como nos disse o autor, no poder em si, o mal não está imbuído, o mal e as suas

¹⁰⁴ BRANDT, Hermann. *Espiritualidade vivência da graça*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, EST. 2006. p.65.

implicações, mas o cerne do mal reside então na maneira como as pessoas que detém o poder o exercem.

A forma como se exercita o poder ou não é que traz implicações para a vida das pessoas. A as mulheres, principalmente, não aprenderam a exercitar e nem mesmo a lidar com o poder. Ao invés disso, foi-lhes ensinado que experimentar o poder não era natural delas; vivenciar o poder era coisa para os homens. As mulheres assimilaram que, com o poder estava ligado o mal, isso porque os homens usavam o poder legitimado pela sociedade androcêntrica para controlar as mulheres. Perceber as teias que estão implicadas quando falamos de relação de gênero e poder é importante para nos darmos conta das vivências das mulheres no ministério ordenado. Experimentar a liderança na comunidade é também vivenciar um espaço público onde as mulheres encontram um determinado espaço de poder e tem que saber lidar com esta forma de poder. E a relação de poder e mal parece ser muito próxima. Buscaremos entender um pouco do que a teóloga Ivone Gebara traz como a conceituação do mal. A autora assevera que

Às vezes o mal não está ligado à consciência de viver no mal ou de escolher o mal. É vivido na estrutura do cotidiano, é sofrido sem ser chamado de mal [...]. Penso também num grande número de mulheres que vivem numa obediência quase cega, seja em seu lar, seja em instituições religiosas ou outras, sem se dar conta da exploração que sofrem e que de certa maneira elas reproduzem.¹⁰⁵

Dentro deste conceito, poderíamos dizer então que o mal seria as chamadas “nuances” que as obreiras encontram no seu dia-a-dia; isto é, aquilo que elas acreditam que faz parte do exercício do seu trabalho. No entanto, são barreiras encontradas principalmente nas estruturas de poder ou no momento em que se exige uma posição de liderança para representatividade, como uma representação

¹⁰⁵ GEBARA, Ivone. *Rompendo o Silêncio: Uma Fenomenologia Feminista Do Mal*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.27.

pública da obreira em evento, ou mesmo para a celebração de ofícios casuais.

Gebara diz ainda que

O pensamento sobre o mal, assim como o discernimento do mal, sempre privilegiaram o mal masculino a despeito do mal vivido pelas mulheres. O mal das mulheres foi reduzido ao silêncio e quase não se conhece mais ou quando se conhece, segundo a interpretação dos homens, parece ser o pior dos males.¹⁰⁶

O mal vivido pelas mulheres está ligado diretamente ao silêncio, seja porque as mulheres silenciaram ou foram silenciadas. O fato é que as mulheres ainda hoje silenciam diante de abusos e dificuldades, enfrentam caladas as situações de discriminação e mesmo de violência de gênero. Também muitas obreiras se silenciam diante de sua situação de dificuldades, pensando que revelar essa situação lhe causará ainda mais transtornos, ou então que, se uma mulher assumiu uma posição de liderança própria de um homem, ela também terá que ser capaz de suportar as consequências.

No entanto, as mulheres precisam dar-se conta de que o silêncio e a falta de articulação fazem com que cada uma vivencie isoladamente as suas dificuldades e não percebem que muitas outras experimentam as mesmas dores. Sem articulação não percebem que uma vez que uma determinada situação se repete entre várias obreiras, o problema não é mais individual, mas sim coletivo e mesmo institucional.

3.2.1.2 O poder e o servir

Segundo Schüssler-Fiorenza, as mulheres sempre assumiram tarefas no ministério eclesiástico, desde que subordinadas ao modelo definido pela hierarquia patriarcal. A igreja não só é construída por mulheres – apóstolos e profetas, mas sua

¹⁰⁶ GEBARA, 2000, p.33.

edificação é feita pelo trabalho não pago nem reconhecido de muitas mulheres.¹⁰⁷ Por não ser remunerado, ou muito pouco, esse trabalho era exercido apenas por mulheres de classe média alta. A hierarquia patriarcal eclesiástica explora o trabalho das mulheres como mão-de-obra não-paga, de baixo *status* dentro da Igreja patriarcal. A situação fica ainda mais complexa quando percebemos que as mulheres leigas casadas são mais exploradas ainda, pois não recebem nada em troca do seu trabalho, porque seu *status* econômico já é definido pelo marido.¹⁰⁸

Se o ministério é para tornar-se uma força libertadora na vida das mulheres, ele precisa habilitá-las a se tornarem econômica e pessoalmente mais independentes, ao invés de reforçar a discriminação social e a exploração econômica das mulheres. Em oposição à definição do ministério feminino como serviço auxiliar, muitas mulheres deste ministério entendem a sua função como poder, um ministério que dá poderes, que nutre e capacita. Poderes recebidos da comunidade e das mulheres entre as quais exercem seu ministério são também um “poder em favor de” não um poder que leva à exploração de outras mulheres ou de toda a Igreja, mas que poderá levar a correção da definição do poder hierárquico-patriarcal.

“Jesus pedia serviço àqueles que estavam no poder, mas dava poder aos fracos e explorados pela sociedade ou pela religião institucionalizada. O ministério como poder em favor de... realiza o poder de Deus em favor da salvação”.¹⁰⁹ Ensina-nos que a subordinação e a falta de poder e de autoridade das mulheres é consequência da natureza inferior ou se explica pelas qualidades femininas, que capacitam a cumprir a função especial na vida.

¹⁰⁷ Cf. SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 213.

¹⁰⁸ SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 213.

¹⁰⁹ SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 215.

A teologia tradicional nos ensinou que o pecado entrou no mundo por uma mulher, que o patriarcado é intencionado por Deus Pai, e que seu filho convocou somente homens a serem sucessores e líderes na Igreja. Desde muito cedo, as mulheres aprendem que são o sexo frágil e interiorizam a inferioridade e a invisibilidade. A autoestima e o poder derivam do homem e/ou de um Deus masculino. Essa linguagem masculina de Deus não é um acidente cultural ou linguístico, mas um ato de dominação que se deu na proclamação e na oração. “Assim como a linguagem androcêntrica faz do domínio patriarcal o senso comum, assim também a linguagem masculina referente a Deus na liturgia e na teologia proclama essa dominação como ordenada por Deus”.¹¹⁰

3.2.2 Articulação e Formação: um desafio para continuidade

No passado, os encontros de obreiras/teólogas e de estudantes de teologia foram o espaço responsável por muitas conquistas para o ministério ordenado de mulheres e para o próprio estudo de teologia. Hoje, como as “grandes” conquistas já estão dadas, como a própria ordenação e a cadeira de teologia feminista, parece que não há mais nada a se conquistar e que não há essa necessidade de se encontrar para discutir os assuntos referentes a presença de mulheres no ministério das mulheres, tese que nosso discurso até aqui tem mostrado ser infundada. Pelo contrário, percebemos que grandes conquistas foram feitas sim, mas ainda há muito a ser feito. Falta muito para as condições para o exercício do ministério ordenado de homens e mulheres estarem em pé de igualdade.

¹¹⁰ SCHÜSSLER-FIORENZA, 1995, p. 290.

A articulação é fundamental para sanar as limitações que as obreiras ordenadas encontram no exercício do seu ministério. Partilhar as experiências para que todas saiam fortalecidas e para que juntas possam encontrar alternativas para responder aos desafios que lhes são apresentados. Ao falar a respeito dos momentos de partilha experimentada por muitos movimentos de mulheres, Ivone Gebara assevera que

A experiência de estar junto, de falar da vida, de partilhar os lamentos e o cotidiano tem um efeito importantíssimo para todas. É como se elas “suspirassem” junto para em seguida poder respirar melhor. Há sem dúvida uma troca de energias, uma força comum que brota de cada uma e atinge igualmente a cada uma.¹¹¹

É esse fortalecimento mútuo entre as mulheres, relatado por Gebara, que hoje está quase ausente entre as mulheres que exercem o ministério ordenado na IECLB. Há alguns movimentos alternativos nesse sentido. Ouvimos relatos de mulheres que buscam se encontrar para um café da manhã, para ter um espaço onde pudessem colocar as suas questões, mas são ações isoladas, que auxiliam aquele determinado grupo. Ainda é pouco, comparado a demanda existente. É preciso que se tenha a consciência da importância da articulação entre as mulheres, desse fortalecimento conjunto para ir em busca dos espaços que ainda faltam ser conquistados pelas mulheres ordenadas, como diz Gebara

Mesmo com a extraordinária boa vontade de muitos teólogos da libertação que ‘se apertaram’ no ‘palco’ da Igreja para que as mulheres dançassem, o palco continua sendo dos homens, seus alicerces e estruturas de sustentação igualmente. Por isso uma nova construção se faz necessária [...].¹¹²

¹¹¹ GEBARA, 1989, p.10.

¹¹² GEBARA, 1989, p.24.

Uma nova construção é necessária, capaz de possibilitar uma nova forma de recriar o próprio “palco”, suas estruturas, seus alicerces, revendo as posturas e talvez a própria dança; uma nova construção que seja capaz de repensar o conteúdo da fé cristã de uma forma “humanocêntrica”, como afirma Gebara, capaz não só de dar vestes novas aos conceitos antigos, mas capaz de recriar os conceitos que envolvam e trabalhem com o ser humano, homem e mulher, como seres iguais, de direito e de valorização. Gebara afirma ainda que:

[...] Os avanços do labor teológico das mulheres latino-americanas, são apenas um passo importante sem dúvida, em direção a um longo caminho diferente, cheio de surpresas e de riquezas que se anuncia como a “Boa Nova” esperada. Para “preparar os seus caminhos” não se pode ter medo de dizer sua palavra, de ousar “sentir” e “exprimir” Deus ou Deusa de outra maneira, de partilhar as intuições que nos habitam, de acolher o diferente que nos rodeia, de acalantar junto com milhares e milhares de pessoas nossas esperanças mais profundas.¹¹³

O que Gebara fala sobre o labor teológico pode também ser estendido às obreiras. Elas também “preparam os seus caminhos” e, para isso, elas têm que superar os medos, ousar sentir e revelar a presença divina da forma com que se vivencia, partilhando as experiências, as expectativas, às esperanças... Podem até questionar, mas muitas mulheres já não fazem isso no seu cotidiano? Sim, acreditamos que muitas mulheres têm riquíssimas experiências no seu cotidiano. No entanto, o receio de partilhá-las ainda é muito grande, pois não querem parecer “metidas” ou “aquelas que se acham” e acabam não falando do seu trabalho. Já as esperanças e as expectativas são bem menos partilhadas, pois, normalmente se escuta sobre os sonhos e as aspirações das outras pessoas. Encontrar pessoas dispostas a escutar os sonhos e desejos de uma “cuidadora” já não é tão comum assim.

¹¹³ GEBARA, 1989, p. 26.

3.3 Marcos Teológicos para um Possível Posicionamento Teológico a Respeito das Mulheres no Ministério Ordenado

Já mencionamos a carência de um posicionamento teológico a respeito da ordenação de mulheres. Eis que apontamos alguns marcos teológicos que consideramos relevantes para um possível posicionamento.

a) As mulheres são capacitadas pelo poder do Espírito Santo de Deus. É da vontade do próprio Cristo que a plenitude dos serviços cristãos seja feita no seu povo e através das mulheres e dos homens que o constituem. Em Efésios 4.11-16 diz que: “E ele [Jesus] mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestre, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo [...]”. Com isto, entendemos que o serviço em favor do reino de Deus tem a ver com os dons de cada pessoa, e não com a identidade de gênero. Pois é o Espírito Santo de Deus que derrama os dons sobre toda a igreja, chamando e capacitando homens e mulheres para o fortalecimento da comunidade.

b) As mulheres são libertas em igualdade para servir e testemunhar o Evangelho. Em Gálatas 3.28, o Apóstolo Paulo afirma que “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”. Se o evangelho ratifica que somos seres iguais, em valor e em direito, poderíamos nós não aceitar esta unidade proposta por Paulo e não por em igualdade a ordenação para homens e mulheres na IECLEB? “A ordenação de mulheres expressa a convicção de que a missão da igreja requer os dons de homens e mulheres no ministério público de palavra e sacramento, e que limitar o ministério ordenado só aos homens obscurece a natureza da igreja como

lugar da reconciliação e unidade em Cristo mediante o batismo, a despeito de divisões em termos de identidade étnica, de condição social e de gênero”.¹¹⁴

c) A ordenação de mulheres está de acordo com a teologia luterana. A própria Federação Luterana Mundial está comprometida com a ordenação de mulheres. Na sua Oitava Assembléia, a FLM declarou: “Agradecemos a Deus pelo grande dom enriquecedor outorgado à igreja e que muitas de nossas igrejas-membro têm descoberto na ordenação de mulheres para a função pastoral. Rogamos que todos os membros da FLM – assim como membros de toda a família ecumênica – cheguem a reconhecer e acolher com braços abertos este dom que Deus faz das mulheres no ministério ordenado e em outras responsabilidades de importância no seio da igreja de Cristo.” Atualmente, em muitas igrejas da FLM e na maioria das igrejas luteranas maiores, as mulheres não apenas são ordenadas pastoras, mas também podem ser eleitas para o ministério episcopal. Isto é coerente com a ênfase luterana no ofício do ministério ordenado único.¹¹⁵

d) As mulheres são parte importante da História da Igreja. Desde os tempos mais antigos da história da Igreja, as mulheres estão servindo ao reino de Deus. No entanto, suas histórias não são preservadas, muitas vezes, nem reconhecidas, o que faz com que não se tenha a mesma riqueza de detalhes e de embasamento histórico do que a história dos homens. Isso dá a impressão de que essa é uma história que não lhes pertence. No entanto, é preciso que as mulheres reconheçam suas histórias de lutas e não tenham medo de escrever as suas próprias histórias, testemunhando ao mundo as suas experiências na Igreja, no Ministério ordenado,

¹¹⁴ NEUENFELDT, Elaine. Mulheres no ministério ordenado. Texto apresentado no Seminário Identidade Luterana. São Leopoldo. Maio de 2008. (texto não publicado)

¹¹⁵ Cf. Neuenfeldt, 2008.

dizendo sim, que a essa experiência deu certo, que as mulheres podem sim experimentar cargos de lideranças na Igreja, que seu trabalho pode e dá certo.

CONCLUSÃO

*Ousar desperdiçar¹¹⁶
João 12.3*

*Vai
Na tua humildade
Mas sabendo
Da grandiosidade da missão*

*Vai
Na sabedoria em Deus
Para saber quando
Desperdiçar o melhor perfume
Nos pés de Jesus
Na vida
Nos pés todos
Que caminham
Os caminhos
Do Sínodo Rio Paraná*

*Vai
Vais saber ousar
Enxugar com os cabelos
Vais saber ousar
Perfumar a casa toda*

*E conta com a gente
Pra ungir contigo
Os pés de Jesus
Pra enxugar...
Pra perfumar a casa...*

*Vai!
Vai com Deus!*

¹¹⁶ CHRISTMANN, Louraini. *A Vida em Poesia*. São Leopoldo: Editora Oikos. 2006. p.39.

É com as palavras da poetiza e pastora Lola, dedicada a uma colega de ministério, no envio a função de vice-Pastora Sinodal, que ousamos lançar algumas considerações finais. Com a consciência de que estas páginas não querem ser uma conclusão definitiva, mas apenas uma reflexão sobre o que até aqui ponderamos. Em todo o caso, a pretensão é sim que seja um instrumento de estudo e de reflexão sobre a vivência cotidiana das mulheres no ministério ordenado. As mulheres vêm lutando ao longo do tempo por mais justiça e igualdade. Desde o Antigo Testamento, elas encontram pessoas que lutam ao seu lado, que buscam fazer resistência ao sistema dominante. Essa luta não acabará tão cedo, mas vem fazendo grandes conquistas.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil ordena mulheres há quase 30 anos. Apesar de ter em seus arquivos históricos essa reflexão, parece que ainda não sentiu a necessidade de se posicionar quanto ao referido assunto, de maneira aberta e acessível. Embora tenha a posição de ordenar mulheres, de não discriminar por causa de gênero, falta apenas um posicionamento oficial, um documento onde as mulheres e também os homens da Igreja possam fundamentar-se no momento do diálogo com as Igrejas que ainda não aceitam a ordenação de mulheres. Também poderia ser usado na reflexão com as próprias comunidades, onde ainda se encontra resistência em aceitar as mulheres obreiras como suas lideranças, dando a essas comunidades a oportunidade de que elas próprias possam fazer essa discussão, a partir da própria experiência e autonomia.

As mulheres conquistaram seus espaços pelo contexto social em que estavam vivendo, onde houve uma maior libertação da mulher, também pela teologia luterana, a qual coloca todas as pessoas membros de uma comunidade em igualdade. É através do batismo que somos chamados e chamadas por Deus para

estar a serviço do seu povo, cada um conforme os seus dons. Sendo assim, não seria o fato de nascer mulher ou homem que é decisivo para o serviço no ministério ordenado, mas sim a vocação. A teologia luterana nos dá uma boa base de subsídios para aprofundar a discussão da ordenação de mulheres.

Uma vez que se ordena mulheres, é importante que haja uma reflexão contínua, assim como em qualquer outra prática. Não basta asseverarmos a nossa Igreja ordena mulheres porque um dia isso foi aceito. É preciso que haja uma posição clara. Embora ela esteja na nossa mente, é preciso que a Igreja, enquanto instituição, assuma posição e “coloque no papel” a reflexão que tem acerca da ordenação de mulheres. Essa atitude não deve ser resultado apenas de uma demanda das mulheres ordenadas na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, mas igualmente para que isso sirva de testemunho para outras tantas Igrejas que não ordenam mulheres; a fim de que estas possam perceber a existência de Igrejas que ordenam mulheres e que, na prática, isso funciona. Seria um testemunho no mundo ecumênico do qual fazemos parte, mas essa é uma demanda que carece de mais atenção e aprofundamento.

Em alguns momentos temos a impressão de que há um consenso no ar, do tipo: “ordenamos, agora não temos mais o discutir”. No entanto, é preciso lançar os olhos e ver os desafios e as perspectivas que a ordenação de mulheres encara na prática, no exercício diário do ministério. Além disso, percebemos que o discurso, seja ele falado ou escrito, traz sua mensagem explícita e implícita. Como Foucault aborda o cerceamento do discurso, através da seleção, organização do discurso pela sociedade, o discurso não é neutro, mas está relacionado ao desejo e ao poder. É preciso ler as entrelinhas do discurso das mulheres, mas também é preciso ler as entrelinhas do cotidiano e a partir daí elaborar outras hermenêuticas.

Percebemos nas cenas do cotidiano que aparecem as “pequenas” nuances que desafiam e discriminam. É no dia-a-dia que as mulheres experimentam a não-aceitação plena da sua presença enquanto mulher. Embora não se refira apenas ao trabalho, elas precisam trabalhar bem, sem deixar qualquer margem de erro. A presença deste pode significar fechar esse campo de trabalho para outra mulher. Isso implica muitas vezes em desgaste físico, emocional, corporal e familiar da obreira. É no cotidiano que muitas mulheres não são bem aceitas pelos colegas obreiros, por muitos presbíteros, não se sentem incluídas na estrutura da Igreja. Os desafios são encontrados em sua maioria nas estruturas, seja da Igreja, seja da própria comunidade. Temos a impressão de que as dificuldades são encontradas em sua maioria no lidar com lideranças, com os colegas, com os presbíteros, e ainda, nas questões financeiras.

A partir das experiências das próprias obreiras, podemos dizer que é nesses espaços que as mulheres ordenadas têm encontrado maiores desafios, não impedimentos para o trabalho, mas desafios que tornam o trabalho mais árduo. Isso significa, muitas vezes, para as mulheres, ter que se fazer ouvida e respeitada como alguém que está capacitada para ocupar o cargo que ocupa. Em algumas comunidades, ainda há resistência em aceitar o trabalho de obreiras, em sua maioria porque não o conhecem. Nesses casos, é preciso que conheçam o trabalho antes, seja pela comunidade vizinha, seja pelos pastores Sinodais. Estes, quando engajados com a causa, procuram dar todo apoio necessário e dialogar com estas comunidades para que aceitem o desafio de conhecer o trabalho feito por uma mulher. Isso porque os pastores ou a pastora Sinodal exercem um cargo de liderança nas comunidades. Suas vozes são bastante respeitadas pelas comunidades, em especial na contratação de obreiros. Se os pastores Sinodais

estão engajados com a ordenação de mulheres, linguagem inclusiva e visibilidade do trabalho das mulheres, isso faz toda a diferença na prática das comunidades. A presença não é o fim de uma política de inclusão, mas é um passo importante na visibilização e na politização da discussão do trabalho. A presença, muitas vezes, garante que o assunto esteja na agenda das Igrejas.

As experiências que as mulheres vêm desenvolvendo nas comunidades são muito ricas. Elas vêm encontrando muitas possibilidades, e o trabalho na comunidade é o que motiva muitas mulheres a encararem os desafios que encontram nesse caminho. É perceber que faz diferença sim para uma comunidade e para a igreja, como um todo, ter mulheres em sua liderança. Por não existir modelos prontos de pastorado feminino, por exemplo, as pastoras vêm desenvolvendo o seu pastorado de forma criativa e autônoma, sendo mais acolhedora e dinâmica.

É importante destacar as experiências positivas que as mulheres têm encontrado nas comunidades, elucidar o testemunho animador, as alegrias encontradas nessa caminhada. Ou seja, faz bem para as Igrejas e para as comunidades terem mulheres atuando no ministério ordenado. É saudável para as mulheres atuarem e se sentirem incluídas nos ministérios ordenados, são sinais positivos de inclusão. Ter obreiras na Igreja faz diferença, faz com que mais mulheres e homens sintam-se acolhidos e escutados. As mulheres, no ministério ordenado, exercem todas as competências que se espera delas, mas fazem isso com as habilidades que aprenderam e desenvolvem outras, muitas vezes, desconhecidas. Elas, muitas vezes, tornam o ambiente mais humano, fraternal, receptivo e conciliador. E elas fazem isso não porque são mulheres, mas porque a socialização de gênero as ensinou a atuar desta forma. Isto pode dar luz a uma

discussão mais ampla de enxergar nos valores aprendidos do gênero, tanto masculinos quanto femininos, um adicional importante para as relações. E estes valores podem ser aprendidos por homens e por mulheres. Não são definidos biologicamente, mas culturalmente. O que diferencia é a abordagem: é tomar como positivo os valores que historicamente foram atribuídos às mulheres.

Também nas comunidades há desafios. Desde situações bem simples e corriqueiras como perguntar para a pastora “o pastor está em casa?” Até situações mais complicadas de negação de existência, de ignorar a presença, de não aceitação formal do trabalho e do ministério são desafiadoras. De um modo geral, as obreiras estão “acostumadas” a ter que mostrar o seu trabalho primeiro para depois receberem um voto de confiança, embora o mesmo não aconteça com os homens.

A experiência das mulheres nas comunidades tem sido bastante positiva, apesar das nuances, e testemunhar isso diariamente é dizer isso dá certo, as comunidades têm gostado da forma com que as mulheres vêm conduzindo o trabalho no ministério ordenado. Testemunhar isso para outras pessoas é também proclamar o evangelho, é trabalhar em prol da libertação, é cooperar para que mulheres de outras Igrejas possam estar a serviço do Reino de Deus.

Portanto, através desta pesquisa, concluímos que são muitas as provações que a ordenação de mulheres traz, mas também são muitas as possibilidades e as perspectivas que surgem com a ordenação de mulheres. Desejamos que a pesquisa e as reflexões aqui postas possam contribuir para que as mulheres possam experimentar o ministério ordenado sem discriminação por causa do fato de ser mulher, e que possam sentir na pele a libertação por Jesus Cristo.

Que possamos sonhar com um futuro onde homens e mulheres tenham condições equiparativas de trabalho em toda a Seara de Cristo. No entanto, que

façamos isso com os pés fincados no chão, tomando ciência da realidade, com as mãos em ação, para que esse futuro aconteça, sem esquecer de olhar para história, de ver quantas mulheres antes de nós lutaram pela causa e ainda para não serem apagadas da história. Sonhar com o futuro, aprender com a história e fazer o presente acontecer, e que Deus nos acompanhe.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Maria Pilar. *A teologia, a igreja e a mulher na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1997.

BÍBLIA Sagrada. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BRANDT, Hermann. *Espiritualidade vivência da graça*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST. 2006.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Editorial: Pautas para uma hermenêutica feminista de libertação. *RIBLA: Revista de Interpretação Bíblico Latino-americana*, n.25, 1996.

CHRISTMANN, Louraini. *A Vida em Poesia*. São Leopoldo: Oikos, 2006.

_____. *Celebrando em Poesia*. São Leopoldo: Oikos. 2008.

DEIFELT, Wanda. Educação teológica para mulheres: um passo decisivo rumo à cidadania eclesial. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: Paulinas/Loyola/Soter, 2003.

_____. Palavras e Outras Palavras: as Mulheres e o Poder. *Estudos Teológicos*, ano 36, n. 1, 1996.

DREHER, Martin N. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1984.

_____. *A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

FERNANDES, Ligiane. *Mulheres No Ministério Ordenado: Perspectivas e Desafios*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Edições Loyola: São Paulo, 1996.

FREIBERG, Maristela Livia. *Retratos do Processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo, 1997. p.66. Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós Graduação em Teologia, EST, São Leopoldo, 1997.

GEBARA, Ivone. As epistemologas teológicas e suas conseqüências. In: NEUENFELDT, Elaine, BERGESCH, Karen, PARLOW, Mara. (Org.). *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p.31.

_____. *Levanta-te e anda: Alguns aspectos da caminhada da mulher na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. *Rompendo o Silêncio: Uma Fenomenologia Feminista Do Mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.

IECLB – IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Porto Alegre. *Ata da reunião* do CD, 09-11.03.1973.

_____. *Ata da reunião* do CD, 11/13.12.70.

_____. *Ata da reunião* do CD, 20.10.74.

_____. *Ata da reunião* do CD, 30/31.7.69.

_____. *Ata da reunião* do CD, 30/31.7.69.

_____. *Boletim Informativo* do CD, n. 10, 16.01.1971

_____. *Boletim Informativo* do CD, n. 31, 27.12.1974.

_____. *Boletim Informativo* do CD, n.7, 31.08.1970.

_____. *Quem Somos*. Disponível em:

<<http://www.luteranos.com.br/categories/Quem-Somos/Nossa-Hist%F3ria/Presen%E7a-no-Brasil/Forma%E7%E3o-dos-S%EDnodos/>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

_____. *Quem Somos*. Disponível em:

<<http://www.luteranos.com.br/articles/8347/1/Quem-Somos/1.html>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

_____. *Quem Somos*. Disponível em:

<<http://www.luteranos.com.br/categories/Quem-Somos/Nossa-Hist%F3ria/Presen%E7a-no-Brasil/Igreja-Evang%E9lica-de-Confiss%E3o-Luterana-no-Brasil/>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

_____. *Relação de vagas da IECLB*. Disponível em:

<<http://www.luteranos.com.br/categories/Servi%E7os--%252d-IECLB/Pessoal/Vagas>>. Acesso em: 27 maio 2010.

KLIEWER, Gerd Uwe. Ex-alunos e ex-alunas da Escola Superior de Teologia da IECLB. In: HOCH, Lothar Carls; STRÖHER, Marga Janete; WACHHOLZ, Wilhem (Orgs.) *Estações da formação teológica: 60 anos de história da EST*. São Leopoldo. Sinodal/EST, 2008.

KRUEGER, Carla. *As mulheres e o ministério ordenado na Igreja: um estudo sobre a ordenação de mulheres na IECLB*. 1996. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1996.

MAY, Melaine A. Práticas de Transformação. *Concilium: A não ordenação da mulher e a política do poder*. v. 281, n. 3, 1999.

MEIRELES, Cecília. *Pensador.Info*. UOL. Disponível em: http://www.pensador.info/autor/Cecilia_Meireles/ Acesso em: 01 nov. 2010.

NEUENFELDT, Elaine Gleci. Teologia Feminista na Formação teológica- conquistas e desafios. In: HOCH, Lothar Carlos; STRÖHER, Marga Janéte; WACHHOLZ, Wilhem (Orgs.) *Estações da formação teológica: 60 anos de história da EST*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

_____. Mulheres no ministério ordenad. Texto apresentado no Seminário Identidade Luterana. São Leopoldo. Maio de 2008. (texto não publicado)

PAIXÃO, Márcia; FERNANDES, Ligiane. *Relatório do Projeto de Pesquisa "Mulheres no Ministério Ordenado: História, Experiência, Testemunho"*. EST, São Leopoldo, 2009. Disponível em: http://www.est.edu.br/images/pdfs/versaoportugues_novembro2009.pdf. Acesso em: 10 jun. 2010.

PANKE, Rita Marta. A mulher e Igreja. In: BAESKE, Sibyla (Org.). *Mulheres desafiam as Igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2001.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Desconstruindo os estudos culturais*. Artigo apresentado no IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada. Évora, 2001.

REILY, Duncan A. *Ministérios Femininos em Perspectiva Histórica*. 2. ed. Campinas: CEBEP; São Bernardo do Campo: EDITEO, 1997.

RICOEUR Paul. *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Edições 70: Lisboa, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo, Editora fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHÖKEL, Alonso, BRAVO, José Maria. *Apuntes de Hermenêutica*. Madrid: Ed. Trotta, 1994.

SCHÜSSLER-FIORENZA, Elisabeth. *Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

STRÖHER Marga J. *Caminhos de resistência nas fronteiras do poder normativo: um estudo das Cartas Pastorais na perspectiva feminista*. São Leopoldo: IEPG/EST. (Tese de Doutorado) 2002.

ZUCK, Roy B. *A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia*. São Paulo, Vida Nova, 1994.